



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

MARIA ANTÓNIA MOREIRA GUERRA

**O carisma hospitaleiro expressão da
Misericórdia cristã.
Fundamentos e atualidade.**

Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutor Jerónimo dos Santos Trigo

Lisboa
2014



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

MARIA ANTÓNIA MOREIRA GUERRA

**O carisma hospitaleiro expressão da
Misericórdia cristã.
Fundamentos e atualidade.**

Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutor Jerónimo dos Santos Trigo

Lisboa
2014

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO I	
JESUS CRISTO MISERICORDIOSO MANIFESTADO NA IGREJA	9
1. A missão de Jesus	11
2. O desafio do mandato de Jesus	17
3. A resposta da Igreja	26
CAPÍTULO II	
O CARISMA DAS IRMÃS HOSPITALEIRAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, EXPRESSÃO DE MISERICÓRDIA	38
1. As raízes fundacionais	39
2. Apelos do mundo e expansão da Congregação	48
3. O exercício da caridade como garantia da fidelidade fundacional	55
CAPÍTULO III	
IDENTIDADE HOSPITALEIRA NO MUNDO DE HOJE	62
1. Solidariedade e subsidiariedade	64
2. Exercício da misericórdia: imperativo universal e especificidade cristã	68
3. O carisma hospitaleiro e os desafios atuais no âmbito da saúde	72
CONCLUSÃO	79
BIBLIOGRAFIA	82

INTRODUÇÃO

Como membros de uma Igreja viva, e fazendo parte de uma instituição eclesial centenária, cuja origem foi, sem dúvida, um evento do Espírito com repercussões inovadoras na sociedade, cabe-nos hoje perguntar se ainda faz sentido projetar os mesmos gestos, se as motivações de centenas de mulheres, e de homens, podem ter equivalência nos dias de hoje, se os pobres ainda existem, se a mensagem a transmitir ainda tem ouvintes, se a história envelhece as instituições da Igreja. São questões que carecem de aprofundamento constante pois envolvem problemáticas atuais e colidem com as tendências da *polis* do nosso cotidiano.

A simplicidade espelhada nas primeiras comunidades cristãs, a alegria de amar gratuitamente, a abertura das portas de casa a qualquer forasteiro, destemidamente, o acolhimento do irmão exclusivamente pela necessidade que padece, são quadros que se debatem hoje com restrições individualistas, com indiferença perante o semelhante, com atitudes de descarte. A caridade que esteve na gênese de instituições e movimentos, encontra nos nossos tempos muitos obstáculos e, com frequência, fica velada por leis, constrangimentos, burocracias e modelos teóricos que obrigam a cumprir regras desprovidas de humanidade.

Movemo-nos nestes ambientes ambíguos e contraditórios, onde as incertezas perante o futuro e os desafios do presente são companheiros de viagem. Os carismas na Igreja de Jesus Cristo impellem para o serviço à comunidade e, como tal, pretendemos ser assertivos na resposta que damos. Foi neste contexto que escolhemos estudar esta matéria, com pequenos passos, na esperança de que possam contribuir para um maior enriquecimento. O que nos move a percorrer este trajeto é a inquietude de quem acredita que a ciência aliada à caridade, e vice-versa, pode fazer “milagres”, que não podem viver de costas voltadas nem em contradição. Entramos neste percurso com a convicção de que a organização e o progresso não podem abafar o Espírito, e com a consciência de que as obras da Igreja são enraizadas n’Ele, e por isso, não perecem.

Pretendemos abordar numa primeira parte deste trabalho como a beleza do encontro de Jesus com o doente, com o marginalizado, com o pecador, foi interpelador no seu tempo e motivou muitas pessoas ao longo de vinte séculos de cristianismo. Esse encontro é algo que não se pode descurar nem ignorar, pois a misericórdia de Deus está em constante *aggiornamento*, de consoante o tempo e o lugar. É uma realidade que ainda hoje é susceptível de encantamento, que compromete o coração de quem olha para os pobres à sua volta e de quem reconhece a sua própria fragilidade. Salienta-se nesta parte, a missão de Jesus e o convite que faz aos homens para continuar com Ele, e como Ele, a instaurar o Reino do Seu Pai. Sugerimos também um pequeno percurso no tempo da forma como a proposta de Jesus foi concretizada.

Na segunda parte, sob o ponto de vista mais histórico, apresentamos a Congregação das Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus, na sua origem, no desenvolvimento institucional e carismático. Deste caminho com características singulares, focamos os aspetos que, na nossa opinião, são mais relevantes para o objetivo deste trabalho. Destacamos uma permanente vigilância nos fundadores, e nas suas seguidoras, em manter o carisma

fundacional, em responder às necessidades da Igreja e da sociedade sem perder a sua peculiaridade e a razão da sua existência, numa dinâmica de fidelidade criativa.

Quanto à atualidade do carisma enquadrámos o tema na abordagem da ação social da Igreja contemporânea, contextualizando-o na compreensão evangélica sobre a caridade e as obras de misericórdia. Nesta terceira parte do trabalho apresentamos também, em leves traços, o posicionamento das Irmãs Hospitaleiras, enquanto organização eclesial, no mundo da saúde. É premente uma identidade carismática capaz de envolver todos os que diariamente se entregam na missão hospitaleira, de modo a garantir que o Cristo misericordioso do Evangelho permanece vivo entre os homens. A competência técnica é importante mas o que diferencia as instituições da Igreja é a presença evangelizadora.

Ao propormo-nos refletir a temática deste trabalho, deparámo-nos com uma vasta bibliografia, sobretudo nalgumas áreas, pelo que foi necessário algum discernimento e uma criteriosa demarcação de campos de pesquisa, pois confrontamo-nos com interessantes abordagens que carecem a nossa atenção. Feita a crivagem, optámos por nos cingir ao que de mais pertinente nos pareceu para o nosso compromisso com o mundo e com a Igreja.

CAPÍTULO I

JESUS CRISTO MISERICORDIOSO MANIFESTADO NA IGREJA

Nascida do amor de Deus que dá vida ao mundo na entrega de Jesus Cristo, a Igreja é enviada por Ele a continuar no mundo e na história a sua mesma missão evangelizadora. A vida da Igreja e de cada um dos fiéis só tem sentido pleno quando se converte em testemunho e anúncio desse amor de Deus; testemunho de uma comunhão que não pode deixar indiferente a sociedade envolvente. Esta compreensão da vida da Igreja permite acolher as diferentes dimensões que caracterizam a sua missão evangelizadora. Esta aparece não só como anúncio salvífico do Evangelho, mas também como serviço de caridade (*diakonia*), como celebração do mistério da fé e como promoção da fraternidade que nasce da fé. O serviço de caridade na vida e missão da Igreja, muitas vezes mal entendido, é expressão do amor ao próximo enraizado no amor a Deus¹.

Jesus comunica ao povo que este Deus é universal e bondoso, que a medida exata da compreensão e realização do seu Reino, abarca os pobres, os pequenos, os pecadores e os pagãos. Jesus proclama que o Reino transforma as condições dos homens que sofrem qualquer tipo de marginalização, mas a sua atuação não fica apenas por este anúncio. Em situações de vida concreta faz presente a misericórdia, ficando o Reino contextualizado e

¹ Cf. J. BALLESTEROS, “La Misión como servicio de la caridad”, in J. CARVAJAL (dir.), *La Misión de la Iglesia*, Monte Carmelo, Burgos, 2011, 107-108.

compreendido no âmbito histórico dos homens. Os pobres são os destinatários do anúncio da Boa Nova e do próprio Reino².

Jesus insere a salvação na vida quotidiana, não convida a levar a cabo grandes gestos heróicos para alcançar o Reino, mas convida à relação com a gente simples e humilde que tem necessidade de amor partilhado. É o melhor enunciado do projeto de vida de Jesus, porque a sua identificação com os necessitados vai mais além do que qualquer mérito ou da intencionalidade de quem os serve. Por isso a surpresa “quando te vimos com fome e te alimentámos, com sede de te demos de beber?”³.

A Carta de S. Tiago mostra-nos um cristianismo prático e bem concreto, no qual a fé deve realizar-se na vida, sobretudo no amor ao próximo e particularmente no compromisso com os pobres (cf. Tg 2,26)⁴. Com efeito, Cristo é o modelo e o fundamento do amor preferencial pelos pobres, toda a sua ação é inspirada pela misericórdia e compaixão que se converte em gesto libertador⁵. Neste âmbito, os pobres de qualquer momento histórico são os escolhidos de Deus para Se fazer presente através daqueles que se deixam iluminar por Ele. O plano que Deus tem para todo e qualquer homem não comporta infelicidade, desintegração, opressão, isolamento, pois o amor é antagónico a tudo isto. Jesus, enviado por Deus aos homens, vem precisamente anunciar que é possível uma vida diferente, vem testemunhar que Deus, que é rico em misericórdia, sonha uma vida de plenitude para cada ser humano. Mostra que podemos participar da sua missão convidando a entrar numa dinâmica de comunhão consigo e com os irmãos.

² Cf. F. MARTÍNEZ, *Jesús de Nazaret*, Editorial Espigas, Murcia, 2005, 261.

³ Cf. *Ibidem*, 274.

⁴ Cf. BENTO XVI, *Os doze apóstolos e os primeiros discípulos de Jesus nas origens da Igreja*, Paulus Editora, Lisboa, 2008, 2.^a edição, 96.

⁵ Cf. J. BALLESTEROS, “La Misión como servicio de la caridad”, 121.

1. A MISSÃO DE JESUS

“Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,15). Este é o conteúdo essencial e programático da mensagem de Jesus, o tempo da salvação prometido por Deus no Antigo Testamento e desejado por qualquer judeu. Os homens são chamados à conversão, a modificar a sua consciência e a sua vida, e a acreditar na mensagem de salvação divina proclamada por Jesus, porque o Reino de Deus está eminente. Um Reino não à maneira humana, mas uma realidade onde a soberania pertence a Deus, onde as situações dominadas pela injustiça e por tudo o que tira a dignidade ao homem, têm o seu termo em favor de um mundo novo tendente à plenitude em paz, alegria e felicidade⁶.

No conceito de Reino de Deus estão incluídas e indissociáveis entre si a salvação geral e a do indivíduo. Nos discursos sobre o Reino, Jesus não protelou a salvação para um futuro indeterminado, mas trouxe-a para o presente, para um mundo marcado pela carência de liberdade e felicidade. A este respeito, afirma Josef Blank que é de destacar que nas palavras e nos atos de Jesus, Deus faz-se atual, porque vem tocar os problemas humanos, e que nessa atualização se manifestam novas e surpreendentes possibilidades; que contar com o Reino de Deus no sentido de Jesus, significa olhar o homem, o mundo, a vida segundo as suas últimas positivas possibilidades⁷.

A história de salvação está impregnada num Deus de amor e a revelação deste amor culmina em Jesus, o Cristo. Mediante as suas palavras e gestos, faz presente entre os homens, sobretudo os mais pobres, o Pai que é o Deus rico em misericórdia. Nesta dinâmica Cristo converte-se num sinal legível do amor de Deus que sai ao encontro do homem, na sua indigência não só espiritual mas também material. É assim que O vemos no início do seu ministério na sinagoga de Nazaré, onde profere palavras que não podem ser entendidas apenas

⁶ Cf. J. BLANK, *Jesús de Nazaret. Historia y mensaje*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1973, 51.

⁷ Cf. *Ibidem*, 119-122.

num sentido espiritual e escatológico, pois, perante a pergunta dos enviados de João Batista sobre se Jesus era o esperado ou “deviam esperar outro”, este responde: “Ide contar a João o que vedes e ouvis: os cegos recuperaram a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres é anunciado o Evangelho” (Lc 7,22)⁸. A resposta de Jesus contém alusões ao livro de Isaías (cf. Is 29,18; 35,5 ss; 61,1 ss), onde se referem os portentos do vindouro tempo de salvação. As diversas categorias de milagres alegadas na resposta, são a concreta confirmação de que com o anúncio do Reino por Jesus, a salvação começa já. Este é um aspeto que diferencia Jesus dos antigos profetas: não se trata de promessas futuras, mas do anúncio de um cumprimento já presente.

Atendendo ao texto do Antigo Testamento aludido nessa relação de prodígios, pode concluir-se que os milagres de Jesus são representações da salvação por Ele anunciada. Indicam-nos que nesta conceção, como na da Igreja primitiva, a salvação é entendida como redenção do homem inteiro e não puramente como redenção da alma. Deus quer também a salvação corporal do homem, a sua saúde integral, o seu bem na sua maior amplitude; isto é, em todas as dimensões humanas. Jesus não fez desaparecer toda a desgraça e todo o mal do mundo, mas com a sua ação indicou-nos a direcção válida para a fé na salvação, ou seja, que a supressão e mitigação de toda a miséria humana, de enfermidades, de fome, de ignorância, de opressão e de desumanidade de todo o tipo, constitui a permanente e mais importante tarefa do homem para com o homem⁹.

Em contexto cultural e religioso do século I, em que a linguagem apocalíptica recorre a imagens grandiosas, os milagres adquirem um relevo considerável e a sensibilidade popular admite o elemento milagroso como algo que se integra no mundo sem tensões e como um espaço onde Deus intervém continuamente¹⁰. Neste sentido, o milagre é uma intensificação da presença divina, uma manifestação especial e privilegiada do seu poder no mundo dos

⁸ Cf. J. BALLESTEROS, “La Misión como servicio de la caridad”, 109-110.

⁹ Cf. J. BLANK, *Jesús de Nazaret*, 87-93.

¹⁰ Cf. A. PUIG, *Jesus. Uma biografia*, Paulus Editora, Apelação, 2006, 386.

homens, pois a sua forma habitual de se revelar é na criação e suas leis¹¹. Jesus vem mostrar esta presença na vida concreta dos homens;

“fala do Reino com os seus milagres, porque a linguagem da cura e da libertação, a linguagem da salvação da pessoa doente ou prisioneira, é directa e universalmente compreensível. Dificilmente se pode transmitir a misericórdia de Deus de uma forma mais penetrante: para Jesus, o milagre é um bem que se faz à pessoa de forma garantida, cuja única motivação assenta na compaixão de Deus e do próprio Jesus. Uma pessoa curada é um sinal vivo da proximidade de Deus e do seu envolvimento na vida dos homens”¹².

O milagre é um acontecimento no qual se liberta a pessoa do que a aprisiona, supera-se o obstáculo aparentemente intransponível, passa-se além do limite¹³. “Os milagres são sinais inconfundíveis de que chegou um mundo novo em que existe espaço para a felicidade e para a esperança”¹⁴. Jesus usou os seus poderes extraordinários para aliviar males e curar enfermidades especialmente em favor dos pobres e necessitados, e fê-lo para lhes anunciar, de maneira ativa, a proximidade e presença do Reino de Deus.

Os milagres devem ser incluídos nos ensinamentos de Jesus e não como um elemento autónomo; pertencem intrinsecamente ao ensino de Jesus¹⁵. São ações poderosas que Jesus realiza no contexto da sua missão, sinais do Reino que não substituem o centro da proposta - que cada um se converta e que dê a sua resposta pessoal. É importante realçar que Jesus não utiliza os milagres para procurar adesões; pelo contrário, afasta-se das multidões quando estas o querem aclamar¹⁶.

Quando Jesus expulsa demónios e cura doenças físicas (cf. Lc 13,32), tem a finalidade de procurar a saúde das pessoas, curar tanto as doenças que afetam o corpo, como as que

¹¹ Cf. *Ibidem*, 387.

¹² *Ibidem*, 387.

¹³ Cf. *Ibidem*, 388.

¹⁴ *Ibidem*, 389.

¹⁵ Cf. J. SEGUNDO, *La historia perdida y recuperada de Jesús de Nazaret. De los Sinópticos a Pablo*, Editorial Sal Terrae, Santander, 1991, 250.

¹⁶ Cf. A. PUIG, *Jesus. Uma biografia*, 389-390.

perturbam o espírito e a mente. Sendo a pessoa uma unidade, qualquer área que esteja debilitada de saúde perturba outro aspeto da mesma pessoa ficando o todo alterado. Uma doença, sobretudo se for crónica, pode constituir uma agressão à dignidade do ser humano, uma vez que este fica diminuído nas suas faculdades, incapaz de superar e controlar aquela realidade mais forte que ele e contra a qual pouco ou nada pode fazer¹⁷.

À época de Jesus, os doentes não valem para o funcionamento normal deste mundo e muito menos quando são incuráveis e contagiosos, ou pior ainda, quando estão possuídos por maus espíritos. Aqueles que não têm família que os possa sustentar, são obrigados a mendigar. Nas situações de doenças contagiosas, os enfermos têm de sair de casa e das povoações, refugiando-se em grutas, nas encruzilhadas dos caminhos, nos campos ou até mesmo nos sepulcros vivendo uma pré-morte. O homem doente é assolado por uma dor que destrói o ser e arranca as raízes que tem na comunidade e no mundo.

Este caminho de dor pessoal converte-se em marginalização social que, por sua vez, agrava a desintegração pessoal. Os doentes pobres, materialmente falando, estão muito mais expostos a esta dor, pois sofrem todo o tipo de carências. Segundo Marcelino Legido, perante o olhar de Jesus, são sobretudo as forças demoníacas do mundo as que atam o corpo e o espírito dos pobres, arrancando-os da comunidade e do mundo, e os atira para a margem da história. Como mendigos nas praças e nas ruas da cidade (cf. Lc 14,21), e como malditos nos caminhos e nas cercas (cf. Lc 14,23), atirados para os últimos dos pobres, comovem as entranhas de Jesus. São estes os convidados a ocuparem o primeiro lugar na mesa¹⁸, pois “a mesa que ele põe é a aurora da nova criação, que amanhece quando a imensa misericórdia se derrama sobre a irremediável miséria”¹⁹.

“Perante a passagem do Ungido que dá vista aos cegos, ouvido aos surdos, canto aos mudos, movimento aos paráliticos, vida aos leprosos e ressurreição aos mortos, compreende-se a

¹⁷ Cf. *Ibidem*, 396.

¹⁸ Cf. M. LEGIDO, *Misericórdia entrañable. Historia de la salvación anunciada a los pobres*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1987, 2.^a edición, 285-286.

¹⁹ *Ibidem*, 286.

profundidade das cadeias do pecado e da dor. A passagem de Jesus converte-se na alegria que vem secar as lágrimas irremediáveis, que vinham duma profundidade que não tínhamos suspeitado”²⁰.

Jesus de Nazaré não é um curandeiro nem um médico que cura as feridas do corpo devolvendo o homem à sua vida. Não é magia nem beneficência, mas gestos que recriam o homem inteiro. O parálítico que desceram pelo telhado da casa, tinha o coração paralisado pela culpa e Jesus perdoa-lhe os pecados ordenando-lhe que se levantasse e andasse. O cego de nascença nunca tinha visto a luz, e Jesus curou-o da sua cegueira, fazendo abrir-lhe os olhos da cara e os olhos do coração. Jesus, ao curar, liberta o homem para um ser novo e uma nova comunhão, capaz de acreditar n’Ele e acolher o amor de Deus. Na sequência destes momentos, anunciam a transformação sucedida nas suas vidas e seguem Aquele que o integrou de novo na vida²¹.

Relacionado com o encontro pessoal entre Jesus e as pessoas necessitadas, aparecem as manifestações do seu poder nos diversos âmbitos e situações de extrema miséria e alienação. Atua com eficácia de cura em alguns casos de doença crónica – cegos, parálíticos, surdos-mudos – que representam um grave handicap social e, com frequência, convertem-se em motivo de exclusão. Mas, apesar destas manifestações de autoridade e poder inerentes aos milagres de Jesus, continua intacta a liberdade de adesão ou de rejeição por parte de quem tem a experiência da mesma²².

Justifica a cura dos corpos inserindo-a no seu projeto de pregador do Reino de Deus em favor dos pobres. Os que se sentem feridos na sua própria carne, privados da sua integridade física e também com frequência da sua dignidade humana, entram nesta categoria

²⁰ *Ibidem*, 287.

²¹ Cf. *Ibidem*, 344.

²² Cf. R. FABRIS, *Jesús de Nazaret. Historia e interpretación*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1985, 142.

de “pobres” para quem está destinado o Reino de Deus, tal como o médico vai ao encontro dos doentes (cf. Mc 2,17), ou o pastor vai em busca da ovelha tresmalhada (cf. Lc 15,4-7)²³.

“A doença, a alienação, o medo e a privação são o sintoma do limite radical do homem ameaçado pela morte. As ações poderosas e eficazes de Jesus respondem a esta esperança de libertação e reintegração humana segundo o projecto salvífico de Deus”²⁴.

Mas sem a ressurreição os milagres de Jesus não passariam de sinais no caminho de um acontecimento histórico. Os gestos seriam promessas sem cumprimento, cheques sem fundo, se não superassem definitivamente o limite humano, e se não viessem a realizar a necessidade humana de vida plena e feliz. O significado dos milagres de Jesus revela-se inteiramente na sua ressurreição²⁵.

As expulsões de demónios e as curas são os dois grandes sinais do Reino, ao que é necessário acrescentar a amizade aos pobres e aos pecadores. Jesus anuncia o Deus da compaixão e do perdão e age em consonância. Com frequência, toca na pessoa doente para a curar, gesto este que na época não era comum, procurando o contacto pessoal com a humanidade doente e agindo em sinergia com a atitude interior de confiança e de fé de quem é curado²⁶.

Os gestos de cura de Jesus pretendem atingir os corações, porque Ele é o médico que veio chamar, não os justos, mas os pecadores (cf. Mc 2,17). Quando diz ao cego de Jericó ou à mulher doente “a tua fé te salvou” (cf. Mc 10,52; 5,34), ratifica uma atitude de confiança qualificada como ato de fé, e é o começo de um compromisso mais profundo na adesão à palavra de Jesus. A salvação que Jesus traz, dirige-se ao homem todo, que cura e purifica, fazendo com que o paralítico ande e seja perdoado (cf. Mc 2,3-12). A cura dos corpos e a cura

²³ Cf. *Ibidem*, 146.

²⁴ *Ibidem*, 147.

²⁵ Cf. *Ibidem*, 148.

²⁶ Cf. A. PUIG, *Jesus. Uma biografia*, 424-426.

dos corações estão, na intenção de Jesus, em mútuo prolongamento. Um coração curado abre-se à compreensão da mensagem evangélica²⁷.

Em suma, podemos dizer que a missão de Jesus é única no seu género, pois para além de todas as vocações proféticas passadas e futuras, ela tem por objeto a realização das promessas de salvação formuladas no Antigo Testamento, a inauguração histórica do Reino de Deus e o estabelecimento da aliança definitiva que tornará os homens mais próximos de Deus, transformando-os internamente. O Reino de Deus é uma realidade interior da qual Jesus faz concretamente a experiência, sob a condução do Espírito de Deus. Entre os sinais do Reino de Deus, Jesus coloca no mesmo plano os seus milagres e o anúncio do Evangelho aos pobres (cf. Mt 11,5; Lc 7,22). São ambas realizações das promessas proféticas, como sublinha a citação de Is 61,1-2 e como Jesus assume na sinagoga de Nazaré (cf. Lc 4,18-21), promessas essas dirigidas à humanidade que espera a libertação, o “ano da graça do Senhor”²⁸.

2. O DESAFIO DO MANDATO DE JESUS

A posição central da mensagem de Jesus é o Reinado de Deus, no qual o duplo mandamento de amar a Deus e ao próximo é condição *sine qua non* para a plenitude da Lei. Este duplo mandamento do amor é o centro da ética de Jesus, em cuja mensagem estão as sementes que germinarão na vida e na prática das primeiras comunidades cristãs²⁹.

O preceito do amor ao próximo já está presente no Antigo Testamento (cf. Lv 19,18), limitando-o aos companheiros de raça. Contudo, no texto neotestamentário, o amor ao

²⁷ Cf. A. JAUBERT, *Libertação humana e salvação em Jesus Cristo* (2.^a parte), in *Cadernos Bíblicos* n.º 10, Difusora Bíblica, Lisboa, 1982, 19.

²⁸ Cf. P. GRELOT, *Libertação humana e salvação em Jesus Cristo* (1.^a parte), in *Cadernos Bíblicos* n.º 5, Difusora Bíblica, Lisboa, 1980, 56-59.

²⁹ Cf. A. PUIG, *Jesus. Uma biografia*, 438.

próximo é absolutamente lapidário e sem limitação de nenhuma categoria. Jesus traz a novidade neste duplo mandamento - amor a Deus e ao próximo - no qual ambos se relacionam e estão perfeitamente ligados um ao outro. Em última instância trata-se de um só e único amor, não se podendo dividir, sendo também que as duas dimensões não se confundem, nem se substituem. Josef Blank diz-nos que se pode caracterizar o amor a Deus associado à totalidade, enquanto o amor ao próximo se associa à ausência de fronteiras³⁰.

A surpresa está na apresentação do amor ao próximo como sendo o segundo mandamento mais importante, aquele que juntamente com o primeiro faz depender toda a Lei e os profetas (cf. Mc 12,31; Mt 22,38-40). E “próximo” para Jesus significa também todo aquele que pertence a outra etnia, grupo ou ideologia, ou mesmo o perseguidor e o inimigo³¹. “O amor ao próximo constrói-se com uma amizade provada pela compaixão e pela generosidade, que inclui sentimentos e, sobretudo, acções concretas”³². O samaritano da parábola mostra a proximidade na relação pelo comportamento efetivo, realçando que a verdadeira proximidade é um comportamento ativo e criador, que leva a sério a alheia situação de necessidade, e que perante ela se atreve a fazer tudo para colmatar com eficácia essa carência³³. “É um comportamento que inclui a fantasia produtiva e a ação decidida”³⁴. Neste âmbito, no final da parábola do bom samaritano, Jesus convida a agir com amor: “Vai e faz a mesma coisa” (cf. Lc 10,37) que o estrangeiro fez ao homem caído na berma do caminho³⁵.

Ao longo da sua vida, Jesus desafia aqueles que o ouvem a fazerem da misericórdia o seu princípio de atuação, imitando o Pai que é misericordioso (cf. Lc 6,36). Jesus revela um Deus que se faz presente nos seus gestos de cura, que se mostra generoso e suscita a

³⁰ Cf. J. BLANK, *Jesús de Nazaret*, 60.

³¹ Cf. A. PUIG, *Jesus. Uma biografia*, 441.

³² *Ibidem*, 467.

³³ Cf. J. BLANK, *Jesús de Nazaret*, 65.

³⁴ *Ibidem*, 65.

³⁵ Cf. A. PUIG, *Jesus. Uma biografia*, 467.

generosidade. A imagem de servir à mesa que Jesus utiliza, faz referência precisamente a esta premissa: amar significa colocar-se ao serviço da outra pessoa. Ao despedir-se dos discípulos na Última Ceia, Jesus salienta que o maior, o primeiro, é aquele que serve, e Ele, o mestre, faz o gesto dos escravos lavando os pés dos discípulos.

Estes são chamados ao serviço humilde, pois, neste paradigma, ser o primeiro significa tornar-se o escravo de todos; esta é a regra fundamental entre os discípulos de Jesus. Ele próprio escolheu a imagem do serviço livremente aceite, para resumir a sua missão e aí focalizou a sua vida, pois “o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir” (Mc 10,45; cf. Mt 20,28)³⁶. “O lava-pés faz parte do seu testamento espiritual, pois indica um novo modelo de relações entre as pessoas (cf. Jo 13,12-17). A imitação deste modelo constitui um dos pontos essenciais do seguimento de Jesus”³⁷.

O pórtico do Sermão da Montanha é o elenco das bem-aventuranças nas quais brilham promessas de felicidade precisamente para os desafortunados e excluídos da sociedade³⁸. Jesus Cristo convida a entrar no Reino através da transformação interior e do modo de estar no mundo, como o demonstram as bem-aventuranças, privilégio dos que são pobres em espírito, dos que dão profundidade à sua vida, dos que choram, dos que têm fome e sede de justiça, dos que se esforçam pela implantação da paz e da concórdia, dos que são rectos de coração, dos que são perseguidos por acreditarem em Cristo e O anunciarem (cf. Mt 5,1-12). Convida a ser sal e luz do mundo (cf. Mt 5,13-16), a substituir a justiça penal pela compreensão e pelo amor fraterno (cf. Mt 5,21-30), a substituir o preceito da retaliação pelo da caridade cristã (cf. Mt 5,38-48).

Seguindo este convite, o cristão põe em prática os imperativos da vontade divina e está a seguir o exemplo de Jesus de Nazaré, que, tendo vindo para fazer a vontade do Pai, “passou a pela terra fazendo o bem” (cf. Act 10,38), culminando na entrega total aos homens (cf. Jo

³⁶ Cf. *Ibidem*, 500-501.

³⁷ *Ibidem*, 521.

³⁸ Cf. J. BLANK, *Jesús de Nazaret*, 130.

15,13). Agindo deste modo, o crente constrói o seu edifício sobre a rocha firme e imutável (cf. Mt 7,24-29) que é Cristo. Quem adere totalmente a Cristo, imprime em si uma espécie de código que modela os seus atos sempre em referência ao agir e à pessoa de Jesus. Esta linha de seguimento exige do homem a oblação de si mesmo e a disposição para ser considerado por outros como louco (cf. Mc 3,20-30)³⁹.

As bem-aventuranças em contexto de “sermão ético”, não são um código legal à maneira farisaica, mas um convite ao seguimento que implica uma experiência concreta de vida no Espírito de Jesus. Quem a fizer entra gratuitamente na dinâmica de filiação divina, à maneira do Filho, sentindo a felicidade das bem-aventuranças na sua própria dimensão pessoal. No entender de Joaquim Carreira das Neves, as bem-aventuranças de Mateus e Lucas são ações proféticas de Jesus e, como tal, são sinais de uma felicidade humana e pessoal que tem como centro a descoberta e vivência do Reino de Deus; são a proclamação de uma novidade que tem a ver com uma nova criação em sentido teológico-espiritual⁴⁰.

Jesus altera a ideia de Deus, mostrando um Deus com poder que permite ao homem a sua liberdade e compromisso na humanização do próprio homem através do amor em ação. Com o “porém, eu vos digo”, a pessoa de Jesus passa a constituir a mais alta norma, o modelo para todos. As suas instruções e exemplos são coerentes entre si: “dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, também vós o façais” (Jo 13,15)⁴¹.

Com a vida de Jesus, verificou-se que o Reino de Deus não consistia num momento pontual, quase mágico, mas num acontecimento dinâmico. Jesus começou por se dedicar à missão pelos povoados da Galileia e arredores, pois descobriu nessas populações o povo pobre que necessitava de libertação, e que estava despojado dos seus direitos de desfrutar a

³⁹ Cf. J. MATIAS, “Moral cristã e confissão de fé”, in *A questão ética e fé cristã II*, Editora Verbo, Lisboa, 1989, 140-141.

⁴⁰ Cf. J. CARREIRAS DAS NEVES, “Ética e bem-aventuranças”, in *A questão ética e fé cristã II*, Editora Verbo, Lisboa, 1989, 103-104.

⁴¹ Cf. J. BLANK, *Jesús de Nazaret*, 132-133.

terra prometida por Deus. Este povo era o representante de Israel doente e endemoninhado, dominado pelos poderes que o condenavam a uma vida degradada, indigna de um povo livre e escolhido por Deus.

Se o acontecimento do Reino de Deus queria ser boa notícia e ação de esperança para o Israel oprimido, tinha que começar ali mesmo junto daquela população. A estratégia de Jesus era a do encontro direto com o povo perdido, que necessitava de cura e da renovação nas raízes da sua vida⁴². A sua perspectiva relativamente à abrangência da sua missão, eram os homens todos no seu conjunto, assinalando-a com grande plasticidade com os doze seguidores que o acompanharam na sua missão (cf. Mc 3,14-18). Este grupo era o sinal profético do Israel total, as doze tribos, que ía ser renovado com o acontecimento libertador que estava a ser inaugurado. Neste sentido os milagres de Jesus para com os pobres, doentes e marginalizados não eram gestos de ajuda a indivíduos isolados, mas de restauração dos membros do povo perdido⁴³.

A ampla missão de Jesus não podia ser o labor de um só; por isso, escolheu colaboradores para expandir a mensagem de Deus misericórdia. Numa atitude de uma autêntica eleição profética, convida pessoas concretas para o seguirem, e os seguidores passam a ser profetas que partilham com Jesus a sua tarefa de profeta ambulante. São enviados por Jesus como seus representantes nos sinais salvíficos de libertação do mal e de sanção do povo doente⁴⁴. O centro de referência do acontecimento do Reino não era o grupo dos missionários, mas sim o povo para quem os itinerantes eram enviados a servir. A sua função e sentido não era de marcar qualquer estilo de vida anti-social ou anti-cultural, mas de radicalismo pelo Reino de Deus no serviço às pessoas. A itinerância de Jesus e dos seus colaboradores implicou alguma indigência e privação de bens inerentes à vida missionária. O

⁴² Cf. S. VIDAL, *Jesús el galileo*, Editorial Sal Terrae, Santander, 2006, 238-239.

⁴³ Cf. *Ibidem*, 141-143.

⁴⁴ Cf. *Ibidem*, 162.

próprio abandono da casa, família e profissão eram exigências da missão e não um comportamento anti-familiar ou anti-social⁴⁵.

O chamamento acontece no contexto das atividades diárias dos discípulos, dando assim a tônica dos encontros de Jesus com o homem. Jesus interpela as pessoas na vida de todos os dias e entre os seus afazeres quotidianos; é aí que os chama, prometendo-lhes uma notável metamorfose. Jesus surpreende os pescadores da Galileia (cf. Mc 1,16) no meio da sua atividade piscatória, prometendo fazer deles pescadores de homens (cf. Mc 1,17c). Abandonarão de imediato a sua atividade e estilo de vida para O seguir. Chama com total autoridade. É Ele quem chama e não são os discípulos que o escolhem; não os une à Torá, mas a Ele mesmo e ao seu Evangelho; não os atrai para uma vida fácil e sedentária, mas para a itinerância. Ao convite para que o sigam, está inerente a promessa de transformação dos que aceitam, e essa transformação é em ordem à missão. Se até ali eram pescadores no lago da Galileia, depois terão um campo de missão universal que se estenderá à Humanidade inteira, pois, apesar da comunidade dos discípulos girar em torno de Jesus, é aberta a todos os homens⁴⁶. O “farei de vós pescadores de homens” inspira-se no ofício que exercem os convocados, e o convite de Jesus é simultaneamente uma ordem e uma promessa que anuncia o compromisso de uma missão única e exclusiva. Ser “pescador de homens” significa participar na missão de Jesus que consiste em reunir os membros do povo de Deus⁴⁷.

Jesus, quando chama os discípulos, constitui-os como um grupo de homens preparados para serem eles mesmos os pescadores na continuação dos seus gestos. O êxito da missão não depende das humildes capacidades dos discípulos, mas da ação e da força transformadora de Jesus naqueles que aceitam segui-l’O. Paulatinamente vão aprendendo no convívio com Jesus a ir ao encontro dos homens com atitude positiva e abertos às necessidades. Deixar as redes

⁴⁵ Cf. *Ibidem*, 157-158.

⁴⁶ Cf. R. EDERLE, *Discípulos y apóstoles de Jesús. La relación entre los discípulos y los Doce según Marcos*, Editrice Pontificia Università Gregoriana, Roma, 2008, 75-79.

⁴⁷ Cf. R. FABRIS, *Jesús de Nazaret.*, 132.

significa deixar a sua profissão e todos os vínculos com o mundo, que exige o seguimento do mestre. Sabendo que seguir Jesus é estar em comunhão com Ele, o discípulo deve organizar a sua vida e tomar as decisões necessárias que lhe permitam acompanhá-lo. Movidos pela palavra de Jesus, aderem totalmente à sua pessoa sem explicações ou discussões prévias⁴⁸.

O chamamento não é anónimo; é pessoal e nominal, refletindo a relação pessoal e de intimidade que começa nesse momento com Jesus e a pessoa chamada. Ao livre chamamento corresponde uma livre resposta⁴⁹. A missão dos Doze não é ensinar algo que tenham aprendido ou transmitir um conteúdo intelectual, mas, no essencial, é continuar a ação de Jesus. Para isso, é necessário estar unido a Ele, estar com Ele, estar concentrado na sua pessoa. Da relação estável de estar com Jesus, surge a capacitação para a missão⁵⁰. A total dedicação e a liberdade radical que se exigem aos discípulos enviados, encontram-se em perfeita sintonia com a urgência do anúncio do Reino de Deus. Com esta finalidade foram associados à autoridade de Jesus, e estão, por isso mesmo, capacitados para o anúncio mediante palavras e gestos poderosos em favor dos doentes e endemoninhados (cf. Mt 10,1; Mc 3,14-15; Lc 9,1). Numa palavra, a eleição e a constituição do grupo de “discípulos” põe em relevo um aspeto essencial da atuação do projeto histórico de Jesus⁵¹.

Da multidão que segue Jesus e o escuta em seu ministério, é necessário distinguir os discípulos mais próximos onde se destacam os Doze com marcado acento simbólico. O grupo íntimo que forma comunidade com Jesus não é muito grande, pois pode reunir-se numa barca (cf. Mc 6,45) ou numa casa (cf. Mc 7,17). Contudo pertencem a ofícios, estados e situações espirituais diferentes. Os discípulos devem romper os laços familiares e abandonar suas tarefas para formar uma nova família na qual Jesus os considera sua mãe e seus irmãos (cf. Mc 3,34-35), cujo ideal é cumprir a vontade de Deus. Em troca recebem uma recompensa que

⁴⁸ Cf. R. EDERLE, *Discípulos y apóstoles de Jesús*, 86-92.

⁴⁹ Cf. *Ibidem*, 104.

⁵⁰ Cf. *Ibidem*, 141-142.

⁵¹ Cf. R. FABRIS, *Jesús de Nazaret.*, 134.

será superior à de qualquer pessoa que forme uma família ou exerça qualquer trabalho (cf. Mc 10,28-30).

Os discípulos comungam com a vida o destino de Jesus, missão que implica muitas vezes levar a cruz como símbolo de dificuldade do ministério, que se manifesta muitas vezes em incompreensão, na perseguição e na morte (cf. Mt 16,10-17.24-25). Jesus avisa-os destas situações e envia-os “como ovelhas para o meio de lobos” (cf. Lc 10,3; Mt 10,16)⁵². Jesus chama algumas pessoas para manter uma relação de comunhão sob os critérios de uma nova família, sendo que Deus Pai é o fundamento da comunidade, e Jesus o guia e mestre. Ensina-lhes a adquirir uma atitude de confiança e fidelidade total, que se expressa na obediência radical à sua vontade, e se alimenta com a oração. A relação com o “Pai do céu” mantém-se e intensifica-se com a oração contínua, oração essa que nasce do coração e faz o discípulo consciente da relação filial.

A disponibilidade ao chamamento concretiza-se com o acompanhamento e ajuda a Jesus no anúncio do Reino, no testemunho de que Deus intervém de uma maneira gratuita e definitiva na história. Termina o tempo da espera e começa a ver-se o novo rosto de Deus com a palavra, obras e testemunho de vida do grupo composto por Jesus e os seus discípulos.

A finalidade principal da atividade de Jesus é anunciar o Reino a todo o povo. Esta é também a tarefa dos seus discípulos quando são enviados em missão. O Evangelho segundo São Lucas refere-se à missão de setenta e dois destes discípulos, e não se pode afastar a hipótese de que, para além dos Doze, Jesus tivesse enviado outros para anunciar o Reino (cf. Lc 10,1.17). Fica claro que a missão de transmitir o Evangelho pode ser uma missão a tempo inteiro e, nesse caso, é merecedora de uma ajuda pois o trabalhador merece o seu salário (cf. Lc 10,7; Mt 10,10; 1Cor 9,14; 1Tim 5,17-18). Este será um hábito nas primeiras comunidades

⁵² Cf. F. MARTÍNEZ, *Jesús de Nazaret*, 511-512.

cristsãs. O anúncio do Reino não pode esperar, é necessário agir com rapidez, urgência e transparência: “O que vos é dito aos ouvidos, proclamai-o sobre os telhados” (Mt 10,27)⁵³.

A proposta de Jesus não é restaurar Israel do ponto de vista político e religioso, mas levar a presença curadora de Deus a todos os homens e mulheres sem exceção, começando pelos pobres, doentes e pecadores, até chegar aos estrangeiros, também eles destinatários da misericórdia de Deus. Os Doze são enviados precisamente a curar os doentes do corpo e do espírito e a pregar a conversão no âmbito de uma notícia maravilhosa: o Reino de Deus já chegou. Jesus envia-os e, quando percorrem as povoações da Galileia, agem como extensão do próprio Jesus, repetindo o que viram e ouviram do mestre. Não lhes são apresentadas facilidades para a missão, mas a regra de ouro é a confiança em Deus e na sua providência que experimentam na hospitalidade oferecida pelas populações a quem batem à porta, pois, quem os acolhe, recebe o próprio Jesus que os enviou (cf. Mt 10,40; Lc 10,16; Mc 9,37; Jo 13,20)⁵⁴.

Depois da Páscoa, o discipulado tomará formas e conteúdos muito distintos, pois para ser discípulo de Jesus não é necessário ter convivido com Ele; basta a fidelidade à sua mensagem (cf. Jo 9,28). Muda também o estilo e a forma da missão: “quando vos envie sem bolsa, nem alforge, nem sandálias, faltou-vos alguma coisa? - Responderam: Nada. Digo-vos: agora, porém, aquele que tem uma bolsa tome-a, como também aquele que tem alforge; e quem não tiver uma espada, venda seu manto para comprar uma” (Lc 22,35-36)⁵⁵.

Após a Ressurreição, Jesus não é só o mestre, mas o Senhor com uma autoridade única e excepcional. Enquanto que a tradição evangélica divulga que Jesus é acompanhado por um grupo de pessoas, distinto dos parentes e das multidões que o seguiam para o ouvir e para lhe apresentar os enfermos, os designados “discípulos” que seguem Jesus e estabelecem com Ele uma relação mais estreita. Nos Actos dos Apóstolos, a partir do sexto capítulo até ao vigésimo

⁵³ Cf. A. PUIG, *Jesus. Uma biografia*, 254.

⁵⁴ Cf. *Ibidem*, 291-293.

⁵⁵ Cf. F. MARTÍNEZ, *Jesús de Nazaret*, 513-514.

primeiro, os discípulos são aqueles que se converteram e passaram a ser membros da comunidade cristã. Em Lucas pode deduzir-se que o termo “discípulo” é mais amplo e que pretende designar os elementos do grupo ideal representativo de todos os que seguem Jesus como crentes. O mesmo se pode dizer do termo “apóstolo”, que para Lucas é reservado aos Doze, enquanto para Paulo, nas suas cartas, é aplicado num sentido mais amplo⁵⁶.

3. A RESPOSTA DA IGREJA

Depois da Páscoa as palavras de Jesus Ressuscitado são poucas, bastando a sua manifestação como garantia da sua presença constante. Desde então a mensagem central é Ele mesmo e começando um tempo novo; o tempo da missão por toda a Terra, o tempo de construir a comunidade e de fazer crescer a Igreja. No período pós Páscoa, a relação de Jesus com os discípulos é baseada na cumplicidade e proximidade, originando como testemunhas da ressurreição, aqueles que partilharam com Ele a vida. Só reconhece Jesus Ressuscitado quem O conheceu na intimidade⁵⁷.

Na sua vida terrena, Jesus identificou-se especialmente com os pobres e os mais frágeis, os ignorados e simples, os doentes e as crianças, com os que estão à margem dos centros de poder. Ouviu os seus gritos e súplicas, e muitos eram de todo desconhecidos, acorrendo a Ele como o único refúgio e solução para as suas aflições. O cristianismo, sendo fiel ao Evangelho de Jesus, defende os fracos e é apoio para os que veem negada a sua verdadeira dignidade⁵⁸. Os gestos libertadores de Jesus respondiam às exigências profundas do homem; assim, também os gestos dos discípulos não podem ser estranhos às necessidades

⁵⁶ Cf. R. FABRIS, *Jesús de Nazaret*, 128-129.

⁵⁷ Cf. A. PUIG, *Jesus. Uma biografia*, 655.

⁵⁸ Cf. *Ibidem*, 662.

deste mundo⁵⁹. “A semente semeada por Jesus, de solidariedade sem limites nem condicionamentos, frutificou de forma imprevista e paradoxal na sua ressurreição”⁶⁰. A partir da manhã de Páscoa, o ponto central e nevrálgico já não é a mensagem, mas o mensageiro, a pessoa de Jesus Cristo que morreu e ressuscitou. A Igreja dos primeiros tempos surgiu a partir deste acontecimento e forjou-se com esta convicção.

Jesus havia reunido à sua volta discípulos, chamara doze, e confiara-lhes a continuidade das suas palavras e gestos de cura e de misericórdia. Não de uma forma proselitista ou ostentosa, mas pela imitação de Jesus numa linguagem em que prevalece Deus e o seu Reino. Para Jesus o mundo é um espaço complexo, por vezes hostil, e que se vence pela compaixão; no entanto, o registo da sua vida é o amor aberto a todos, a dádiva da sua própria existência como instrumento eficaz de salvação. A história é um espaço de construção em que a solicitude substitui a rejeição⁶¹.

Tanto os apóstolos como cada homem e mulher baptizados são colaboradores com Cristo no seu Evangelho. Aos membros da Igreja de Filipos, Paulo escreve: “vós que estais firmes num só espírito, lutando juntos com uma só alma, pela fé do Evangelho” (Fil 1,27). Paulo chama aos outros apóstolos e a si mesmo “colaboradores de Deus”, e designa “colaboradores no Reino de Deus” a todos os que trabalham com ele⁶². O cristão é aquele que vive em Cristo e que participa no acontecimento salvífico. Por conseguinte, o seu agir advém-lhe da sua essência, que resulta numa postura de atuação em conformidade com o seu ser, cumprindo, assim, no seu tempo, o Reino de Deus instaurado por Jesus Cristo⁶³.

⁵⁹ Cf. A. JAUBERT, *Libertação humana*, 24.

⁶⁰ A. PUIG, *Jesus. Uma biografia*, 662.

⁶¹ Cf. *Ibidem*, 663.

⁶² Cf. O. GONZALEZ DE CARDEDAL, *Raiz de la esperanza*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1995, 272.

⁶³ Cf. J. TRIGO, “Especificidade e novidade da moral evangélica”, in *A questão ética e fé cristã I*, Editora Verbo, Lisboa, 1988, 202-203.

Aos doze, eleitos entre os discípulos, Jesus envia-os dizendo: “proclamai que o Reino dos Céus está próximo. Curai os doentes, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos, expulsai os demónios” (Mt 10,7-8; cf. Lc 10,9), encarregando-os da sua mesma tarefa. Dá-lhes a força do seu poder, de modo que o serviço dos apóstolos, em última instância, seja representar Jesus, fazê-l’O presente. Contudo, na comunidade há outros dons, dados pelo Pai pelas mãos do Senhor na unidade do Espírito, todos eles para o serviço e edificação dos irmãos. Alguns têm o dom da profecia (os profetas) (cf. 1Cor 12,28; Ef 4,11; 1Cor 14,3.24-25), outros são chamados mestres (cf. 1Cor 12,28) e outros ainda sentem-se chamados a servir solícitamente os irmãos (cf. 1Tes 5,12; Rm 16,3; 1Cor 16,15ss). Estes são os que cuidam dos abandonados, das viúvas, dos órfãos, dos escravos e estrangeiros, e que o fazem com entranhas de misericórdia, partilhando com eles o que têm, ou seja, estes são os que se consagram ao serviço dos pobres (cf. Act 6,1ss).

Mas todos são chamados ao serviço do Senhor e, aquele que dá, que o faça com simplicidade, o que preside, com solícitude, o que exerce a misericórdia, com alegria (cf. Rm 12,8b)⁶⁴. Estes irmãos têm a nobre missão de expressar e completar os dons e serviços de Jesus na doação de si mesmo, nas múltiplas tarefas de reunir, transmitir a palavra, curar as feridas e arrancar as cadeias. Todos se complementam e são necessários, para que cada um possa expressar o dom que o Senhor quer realizar através das suas mãos. Por isso, toda a comunidade é apostólica, profética, diaconal.

“A cada um de nós lhe foi dada a graça pela medida do dom de Cristo” (Ef 4,7). O Senhor distribuiu pelos irmãos a graça. Então, às graças distribuídas chama-se “carismas”, que quer dizer “dons da graça”. Mas, como estas graças são dadas para colocar ao serviço dos irmãos, o carisma é na realidade para a “diaconia”. Aos carismas também se podem chamar “serviços”, e todos os irmãos estão capacitados e são chamados para o serviço⁶⁵.

⁶⁴ Cf. M. LEGIDO, *Misericordia entrañable*, 391-392.

⁶⁵ Cf. *Ibidem*, 390-392.

Os evangelhos sinópticos costumam coincidir em apresentar a fé como um pressuposto do milagre; ou seja, a fé apresenta-se como a participação do homem na salvação concedida. Jesus concede a cura ao parálítico, ao filho do centurião, à cananea, ao cego porque comprovou a sua fé. No episódio da cura dos dez leprosos, é visível esta relação entre fé e milagre. Ao único que regressa para agradecer a Jesus, este diz-lhe “a tua fé te salvou” (cf. Lc 17,15-19), denotando que a salvação que aqui se trata é muito mais que a cura. Os outros nove foram curados, mas não souberam descobrir o sentido do milagre, do dom de Deus em Jesus Cristo. Daqui se pode concluir que só a fé dá sentido ao milagre. Nos Actos dos Apóstolos vemos Paulo a fazer o mesmo com o tolhido de Listra (cf. Act 3,1-9)⁶⁶.

Desde os profetas até Jesus e aos portadores do Evangelho, o milagre anuncia a salvação, convida à decisão da fé, não é a salvação mas é o anúncio da salvação definitiva⁶⁷. O tempo dos “sinais” não é para abolir, os milagres não são um modo temporal de revelação da glória divina, senão que também hoje têm um papel a desempenhar⁶⁸. Os milagres contribuem certamente numa escala minúscula a melhorar as condições de vida, no entanto, se tivessem por finalidade unicamente a beneficência, Jesus teria curado todos os doentes.

O milagre não substitui o homem naquilo que lhe compete realizar e, neste âmbito, surgem no mundo ao longo da história exemplos de homens e mulheres que orientam a sua vida em favor dos pobres nas suas diferentes facetas. O compromisso humano e o milagre sobrenatural podem caminhar juntos; devem manter-se em tensão dialética. Por um lado, pelo excesso de compromisso humano e voluntarismo, corre-se o risco de sistematizar o bem numa perspectiva estritamente horizontal e fechar-se no círculo humano de ativismo; por outro,

⁶⁶ Cf. A. GEORGE, “El milagro en la obra de Lucas”, in X. LÉON-DUFOUR (dir.), *Los milagros de Jesús según el nuevo testamento*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1979, 249-250.

⁶⁷ Cf. *Ibidem*, 258.

⁶⁸ Cf. X. LÉON-DUFOUR, “Los milagros de Jesús según Juan”, in X. LÉON-DUFOUR (dir.), *Los milagros de Jesús según el nuevo testamento*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1979, 274.

também não se deve reduzir o milagre sobrenatural num encerramento do dom gratuito de Deus, sem comprometer o ser humano no serviço e na justiça⁶⁹.

As primeiras comunidades cristãs veem que o Senhor faz, através dos discípulos, gestos de libertação com os pobres, como quando caminhava pela Galileia, pois também eles têm o dom de curar. Pedro e João curam um tolhido na porta formosa do templo (cf. Act 3,1-26) e o povo reage como nos milagres operados por Jesus; colocavam os doentes e possessos nos caminhos, para que ao passar Pedro, pelo menos, a sua sombra os cobrisse; também acudiam multidões das cidades vizinhas de Jerusalém trazendo doentes e atormentados e todos eram curados (cf. Act 5,15-16; 8,7-8; 9,32-35; 9,36-42; 14,8-10; 28,8-9).

Na libertação dos pobres não se trata de um serviço assistencial ou paternalista; trata-se, antes, de dar-lhes, em nome do Senhor, a cura para as feridas de dentro e de fora. Pedro diz mesmo que não tem prata nem ouro apenas dá o que tem (cf. Act 3,5-6). A cura das feridas dá-se quando os pobres são evangelizados e são recriados a partir de dentro. Todo o outro serviço é uma manifestação desta evangelização libertadora, que conduz os pobres a acolher a graça do Senhor sem esperar mais nada⁷⁰.

A ressurreição significa fazer real em Jesus o que é o futuro da humanidade e, por isso, a sua ressurreição é a primícia (1Cor 15,20) da ressurreição da Criação inteira (Rm 8,15-17.19), e assegura-nos o futuro da vida para além da história. Seguir a doutrina e a vida de Jesus, resulta em perceber e apostar por uma conceção da existência como relação fraterna.

A atitude imediata que tomam os primeiros testemunhos que proclamam a ressurreição de Cristo é a que nos dizem os Actos dos Apóstolos: eram “assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fracção do pão e às orações” (Act 2,42)⁷¹; todos os crentes viviam unidos e tinham tudo em comum, vendiam os seus bens e as suas propriedades e

⁶⁹ Cf. IDEM, “Conclusion”, in X. LÉON-DUFOUR (dir.), *Los milagros de Jesús según el nuevo testamento*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1979, 351.

⁷⁰ Cf. M. LEGIDO, *Misericordia entrañable*, 422-423.

⁷¹ Cf. F. MARTÍNEZ, *Jesús de Nazaret*, 766-767.

dividiam entre si, conforme as necessidades de cada um (cf. Act 2,44-45). Os cristãos compreenderam desde os primeiros dias que a nova religião os impelia a serem generosos com os irmãos. Temos como exemplo concreto a generosidade de Barnabé que vendeu o seu campo e levou o produto aos apóstolos (cf. Act 4,36-37). A prática da caridade parece ter tido uma grande importância na vida quotidiana dos primeiros cristãos e a assistência às viúvas uma preocupação evidenciada nas primeiras comunidades (cf. Act 6,1). Verifica-se pelos testemunhos disponíveis que o mandamento do amor atuou nas primeiras comunidades, como uma força motriz capaz de dinamizar as energias vitais próprias e de lhes dar um rosto novo.

Escreve Arnaldo Pinto Cardoso que, partindo da reflexão teológica de João e de Paulo, as comunidades primitivas assumiram a ideia do amor como princípio do ethos cristão, mostrando como o amor de caridade é simultaneamente mensagem e programa de vida. Nos escritos paulinos denota-se que Paulo procura mostrar como o amor ao próximo é uma consequência intrínseca do amor a Deus, como existe uma relação intrínseca da Lei com a caridade (cf. Gl 5,14; Rm 13,9), unifica toda a moral cristã em função do amor fraterno: “Toda a lei está contida numa só palavra: amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Gl 5,14; cf. Lv 19,18). Insiste em exortações muito concretas (cf. Rm 12,13-21) onde espelha as exigências do amor que edifica a comunidade em contexto do Sermão da Montanha (cf. Mt 5,38-44; Lc 6,27-28.39-41), nomeadamente referências à ajuda e hospitalidade aos irmãos, à partilha da alegria e da dor, ao amor aos inimigos, exorta a vencer o mal com o bem, a não excluir ninguém e a renunciar à vingança. Na compreensão de Paulo a caridade é dom, graça, fruto do Espírito, caracterizada por conter um dinamismo vital, uma força ativa, e no hino à caridade (cf. 1Cor 13), síntese amadurecida do pensamento paulino, está patente o primado do amor sobre todos os carismas, virtudes e valores⁷².

Nos escritos joaninos é acentuada a origem do amor em Deus, cuja personificação acontece em Jesus Cristo. O mandamento novo tem como chave de leitura o próprio

⁷² Cf. A. CARDOSO, “O amor de caridade como princípio de vida moral”, in *A questão ética e fé cristã II*, Editora Verbo, Lisboa, 1989, 231-233.

fundamento, irradiando em caridade fraterna que consiste num movimento de amor que do Pai, por Jesus Cristo, se continua e se encarna nas relações de uns com os outros. Para entrar nesta comunhão, é necessário permanecer no seu amor de que é sinal e testemunho o amor aos irmãos: “quem não ama o seu irmão, a quem vê, a Deus, a quem não vê, não poderá amar”(1 Jo 4,20)⁷³.

Nas comunidades primitivas concretiza-se o mandamento do amor através da atenção aos fracos (cf. Rm 12,10), da consideração dos outros mais do que a si próprio (cf. Fil 2,3). Uma das primeiras formas de exercício da caridade ou beneficência entre os cristãos, são os ágapes – refeições nas comunidades cristãs – que se destinavam a fomentar a consciência comunitária entre os seus membros de distintas posições sociais, e ofereciam, ao mesmo tempo, a possibilidade de prestar ajuda material eficaz a quem de entre eles tinha necessidade. Era nessas refeições que se tratavam as questões relativas à vida da comunidade, e tinha-se o cuidado de que os doentes e as viúvas ausentes recebessem também parte dos dons⁷⁴.

A ajuda material dos irmãos que se praticava, era vista como algo inerente à comunidade cristã (cf. 2Cor 8-9) e traduzia a disposição interior de gratidão e comunhão de bens espirituais, tal como Cristo, que era rico se fez pobre por amor (cf. 2Cor 8,9; Rm 15,27). Encontramos na Didaché: “Dá a todo o que te pedir e não reclames, pois o Pai deseja que a todos se dê dos próprios dons”⁷⁵, “Não sejas de mãos abertas para receber e fechadas para dar”⁷⁶, “Não hesitarás em dar e, dando, não murmurarás. Saberás, de facto, quem é o bom remunerador da recompensa”⁷⁷, “Não abandonarás o necessitado, mas compartilharás em tudo com o teu irmão e nada dirás ser teu”⁷⁸.

⁷³ Cf. *Ibidem*, 235.

⁷⁴ Cf. H. JEDIN, *Manual de historia de la iglesia*, Tomo I, Editorial Herder, Barcelona, 1966, 449.

⁷⁵ *Didaché*, I,5. Usamos a edição de I. LAMELAS, Alcalá, UCP, Lisboa, 2004.

⁷⁶ *Ibidem*, IV,5.

⁷⁷ *Ibidem*, IV,7.

⁷⁸ *Ibidem*, IV,8.

No cristianismo nascente havia grande mobilidade humana, eram frequentes as viagens entre as comunidades e existia grande atividade de missionários itinerantes que implicava a prática da hospitalidade entre os cristãos. A hospitalidade exercida no acolhimento aos missionários, expressava o amor fraterno e a cooperação no serviço da expansão do Evangelho⁷⁹. Pelos finais do século primeiro, escreve Clemente Romano à Igreja de Corinto, elogiando a verdadeira virtude, a firmeza da fé daquele povo e a generosíssima hospitalidade⁸⁰. Também a Didaché recomendava: “Todo o apóstolo que vier até vós, recebei-o como ao Senhor”⁸¹, “Todo aquele que vier até vós em nome do Senhor seja recebido”⁸², “Se aquele que vem for transeunte, ajudai-o quanto pudesdes”⁸³. A solidariedade entre os homens tem o seu fundamento, por um lado, na convicção de uma origem comum, que é Deus, Pai de todos, e por outro lado, na consciência da fraternidade, da existência de uma natureza comum com suas possibilidades, necessidades e direitos⁸⁴.

A missão eclesial, como serviço de caridade, está chamada precisamente a testemunhar a inseparável relação entre o amor a Deus e o amor ao próximo, e, sem esta harmonia, quando o amor ao próximo se separa do amor a Deus, com frequência desemboca numa secularização do amor, numa mera filantropia que deixará de ser transparência do amor de Deus⁸⁵.

“O serviço de caridade pertence à natureza íntima da Igreja e, como tal, é uma manifestação irrenunciável da sua própria essência”⁸⁶. Não se pode descuidar este serviço, assim como não se podem omitir os sacramentos e a palavra. Este serviço comunitário, que

⁷⁹ Cf. J. CARDOSO, *O amor de caridade como princípio de vida moral*, 238.

⁸⁰ Cf. CLEMENTE ROMANO, *Carta aos Coríntios*, I,2. Usamos a edição de I. LAMELAS, Alcalá, Lisboa, 2001.

⁸¹ *Ibidem*, XI,4.

⁸² *Ibidem*, XII,1.

⁸³ *Ibidem*, XII,2.

⁸⁴ Cf. O. GONZALEZ DE CARDEDAL, *Raiz de la esperanza*, 372.

⁸⁵ Cf. J. BALLESTEROS, “La Misión como servicio de la caridad”, 113-114.

⁸⁶ *Ibidem*, 123.

vai mais além do imediato e da espontaneidade, necessita de organização. Esta necessidade foi percecionada logo na Igreja nascente que elegeu sete homens (cf. Act 6,2-3), princípio do ministério diaconal. Eusébio de Cesaréia escreve que “os apóstolos mediante a oração e a imposição das mãos instituíram, com destino ao ministério e à causa do serviço comum, uns varões provados, em número de sete: Estêvão e seus companheiros”⁸⁷. Levaram a cabo uma tarefa essencial da Igreja: o serviço do amor ao próximo exercido comunitariamente e de modo orgânico.

A partir daqui, em cada época da história, a comunidade cristã foi dando resposta às necessidades de cada tempo, o que constitui um elenco de vinte séculos de caridade e entrega. São múltiplas as manifestações do serviço de caridade onde o amor cristão saiu ao encontro das crianças e idosos abandonados, prestou auxílio e hospitalidade a pobres, doentes, moribundos e peregrinos, criou os primeiros hospitais, ocupou-se de atender a educação, a promoção humana e a libertação dos oprimidos⁸⁸. A história da Igreja está marcada por inúmeros homens e mulheres que, com a força da sua entrega por amor, deram testemunho da verdade do Evangelho, sendo que este testemunho de solidariedade, de serviço, de gratuidade, especialmente com os mais necessitados, foi sempre uma via privilegiada para a evangelização, fazendo presente e concreto o dom do amor de Deus⁸⁹.

No início do século III a Igreja de Cartago, tinha uma espécie de caixa comum para os contributos voluntários dos fiéis, e com ela sustentava os pobres, cuidava os idosos necessitados, atendia as crianças órfãs e sem meios de subsistência, socorria os irmãos encarcerados e enviava auxílios aos irmãos condenados a trabalhos forçados nas minas. A hospitalidade já praticada na época apostólica e pós-apostólica, continua no século III a ser recomendada e exercida, como uma forma especial da primitiva caridade cristã. Atestando esta importância, há testemunhos de que Orígenes toma a hospitalidade como tema de duas

⁸⁷ EUSÉBIO DE CESARÉIA, *Historia eclesiástica*, II,I,1. Usamos a edição: BAC, Madrid, 1973.

⁸⁸ Cf. J. BALLESTEROS, “La Misión como servicio de la caridad”, 123.

⁸⁹ Cf. *Ibidem*, 132.

homilias, e Cipriano deixa a um dos seus presbíteros dinheiro para distribuir, na sua ausência, a forasteiros necessitados. Deste dever caritativo nasce no século IV uma ampla organização com a ereção de hospedarias e hospitais⁹⁰.

O amor cristão ao próximo provou-se sobretudo em tempos de catástrofes extraordinárias, que não escassearam no século III. Eusébio de Cesaréia testemunha que, por ocasião da peste, é relatado numa carta, que a maioria dos cristãos - os que haviam abraçado a fé - por excesso do seu amor e do seu afeto fraterno, esquecendo-se de si mesmos e unidos uns aos outros, visitavam sem precaução os doentes, serviam-nos com abundância, cuidavam-nos em Cristo e até morriam contentíssimos com eles, contagiados pelo mal dos outros, atraindo sobre si a enfermidade do próximo e assumindo voluntariamente as suas dores, e muitos que curaram e fortaleceram a outros, morreram também. O seu testemunho continua descrevendo os cuidados caritativos que prestavam nas situações agônicas, nos momentos da morte e pós-morte, ao contrário dos pagãos que abandonavam os seus entes queridos nestas situações de decadência física e mortal⁹¹.

A beneficência cristã estende-se a toda a área de propagação do cristianismo, em que se dê uma situação de necessidade, sendo que essa ajuda é prestada com simplicidade e espontaneidade, revelando um sentimento de comunidade e solidariedade entre os crentes da Igreja universal. A Igreja de Roma estava sempre pronta a ajudar qualquer necessidade, ainda que fosse no mais remoto oriente. A execução prática das tarefas impostas pelo amor ao próximo, exigia nas comunidades maiores do século III já alguma organização.

Paralelamente aos diáconos, auxiliares do bispo no ministério da caridade por excelência, aparecem cada vez mais mulheres, que eram imprescindíveis para o atendimento das outras mulheres. Para tais tarefas, estavam designadas as viúvas que, de acordo com 1Tim 5, 3-16, eram altamente estimadas como estado especial dentro da comunidade. Dedicam-se à educação de órfãos, trabalham no cuidado dos doentes, e também tomam a seu cargo o

⁹⁰ Cf. H. JEDIN, *Manual de historia de la iglesia*, 449-450.

⁹¹ Cf. EUSÉBIO DE CESARÉIA, *Historia eclesiástica*, VII,XXII,7-10.

socorro dos prisioneiros. A partir do século II, também se admitem para estes serviços mulheres solteiras que, posteriormente, como as viúvas dedicadas à beneficência, recebem o nome de diaconisas. Com o passar do tempo esta função assume lugar importante nas comunidades e é alargado o seu leque de tarefas. No século IV as diaconisas na Igreja atingem a sua importância máxima⁹².

Dando corpo à ação caritativa da Igreja, S. Basílio, enquanto bispo de Cesaréia da Capadócia, criou no ano 360, a considerada mais antiga instituição hospitaleira. Fundou um mosteiro que, para além do edifício destinado aos monges, contemplava uma hospedaria para receber peregrinos, um hospital para atender doentes pobres, sobretudo leprosos, sob o patrocínio de S. Lázaro, um hospício e oficinas para pobres e desempregados. Santo Agostinho imprimiu na sua regra a hospitalidade, tal como S. Bento que explicita na regra que, sem aceção de pessoas, todos os hóspedes que chegam ao mosteiro devem ser recebidos como o próprio Cristo em pessoa. Os hospitais foram durante séculos, casas destinadas a acolher os necessitados sem lar, os peregrinos, os viajantes, os órfãos e as crianças abandonadas. Normalmente estavam sob a tutela e a direcção dos bispos. A partir do século IV, surgem mosteiros para receber pobres e cuidar dos doentes, assim como albergues para peregrinos, sob a direcção de monges, quer masculinos quer femininos. Dos séculos XII ao XV floresce o sentido da hospitalidade nas igrejas e nos mosteiros devido à intensa pregação sobre as obras de misericórdia e a presença de Cristo nos pobres, ao grande desenvolvimento das peregrinações, e ao nascimento das inúmeras ordens hospitalares⁹³.

O mandato de Jesus é intemporal e as respostas dos cristãos, quer por iniciativa individual quer de forma organizada e coletiva, procuram ser sincrónicas, ajustadas ao seu tempo e às suas circunstâncias. Assim nasceram muitos movimentos e instituições eclesiais

⁹² Cf. H. JEDIN, *Manual de historia de la iglesia*, 451-453.

⁹³ Cf. E. GARNICA, "Hospitalidade", in A. APARÍCIO (dir.), *Dicionário teológico da Vida Consagrada*, Paulus, S. Paulo, 1994, 525-527.

que mostraram a perenidade da misericórdia de Deus para com os homens, sobretudo para com os mais pobres e frágeis.

CAPÍTULO II

O CARISMA DAS IRMÃS HOSPITALEIRAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, EXPRESSÃO DE MISERICÓRDIA

A forma evangélica da salvação implica uma visibilidade daquilo que Jesus e os seus enviados, os apóstolos, viveram, quiseram e instituíram. Este paradigma implica uma Boa-Nova, uma Palavra, sinais de vida e uma experiência comunitária, tudo sintetizado numa vivência específica. Portanto, a forma evangélica que encontra na Igreja a sua expressão continuada, a proposta e o acolhimento da salvação tornam-se visíveis numa certa objectividade, ou seja, numa rede de sinais exteriores. A salvação objetiva-se primeiro numa Palavra, depois em sinais sacramentais e ainda igualmente numa certa organização comunitária do povo. Tais são marcas de referência, as indicações “objetivas” que permitem aos homens de cada tempo o acesso à salvação. A Igreja continua a ser o espaço histórico desta “objectividade”⁹⁴.

Nos escritos paulinos está patente a extrema diversidade das formas segundo as quais cada um pode desempenhar da sua responsabilidade eclesial no atendimento às necessidades humanas (cf. Rm 12,6-8; 1Cor 12,8-10.28-30; Ef 4,11-12). Não se trata apenas das carências religiosas da comunidade, mas a efetivação da responsabilidade solidária que pode e deve incluir um campo mais vasto: dom de curar para restituir a saúde física, partilha dos bens para eliminar a miséria material, dom de consolar diminuídos físicos, dom de profecia, dom de

⁹⁴ Cf. J. BORGES DE PINHO, *O reino já está entre nós*, Paulus, Lisboa, 2012, 37-38.

evangelização em todos os campos, dom de ensino, dom daqueles que permitem à comunidade estar reunida na fé⁹⁵.

Nesta diversidade de dons emanados pelo mesmo Espírito, a Igreja conta com diferentes membros do mesmo corpo, para manifestar a sua presença salvadora nos diferentes campos de missão. Ao longo da história, as situações de fragilidade humana têm sido assistidas de forma privilegiada por instituições religiosas. Muitos homens e mulheres deram a vida pela causa do Reino, muitos partiram para lugares longínquos avistando os “confins da terra”, muitos fizeram brilhar a glória de Deus nos escombros de vidas sem esperança. Nestas fileiras de seguidores de Jesus Cristo encontramos aqueles que escolheram exercer a caridade como forma de evangelizar ao jeito do coração misericordioso de Deus.

1. AS RAÍZES FUNDACIONAIS

A necessidade de restaurar a Ordem de S. João de Deus em Espanha, trouxe Bento Menni, enfermeiro e sacerdote italiano desta ordem religiosa⁹⁶, em 1867, a este território carente de hospitalidade. Vivia-se um ambiente de desordem e de instabilidade político-social onde a anarquia e os movimentos revolucionários coexistiam com o esforço frustrado de estabilizar o governo central ora monárquico ora republicano. A Igreja tradicionalmente católica viu as velhas estruturas eclesiais confrontadas com a transformação social envolvente, viu o regresso violento do anti-clericalismo e as influências da revolução francesa, às quais a Igreja mantinha uma atitude hostil, invadirem o espaço social e religioso.

⁹⁵ Cf. *Ibidem*, 119-120.

⁹⁶ Bento Menni nasceu em Milão a 11/03/1841, entrou na Ordem de S. João de Deus em 1860, é ordenado sacerdote em 1866 e é enviado pelo Papa Pio IX a restaurar a ordem religiosa a que pertencia. Foi Superior Provincial, Visitador Apostólico e Superior Geral da Ordem de S. João de Deus. Falece em Dinan a 24/04/1914 e é canonizado pelo Papa João Paulo II a 21/11/1999.

Nesta época a Igreja viu-se obrigada a responder a desafios pastorais inéditos, concretamente oriundos dos movimentos operários, e a procurar novos métodos de evangelização. Foi este clima de insegurança e de instabilidade que Bento Menni encontrou no berço da sua própria ordem religiosa⁹⁷. Contudo “nem as lutas políticas, nem as diversas doenças que o assolaram, nem as violentas perseguições de que foi objeto, vendo-se muitas vezes injuriado, caluniado e em perigo eminente de perder a sua vida, o fizeram retroceder no cumprimento da sua missão. A todas as partes levou palavras de consolo sendo um verdadeiro pai para pobres, doentes e necessitados no período politicamente mais agitado da história espanhola do século XIX”⁹⁸.

Era na província de Madrid, em Ciempozuelos, que se fixava o centro e a casa-mãe da restauração da Ordem Hospitaleira em Espanha. Aí Bento Menni abriu, em 1877, um hospital psiquiátrico onde se prestava assistência aos doentes dessa província, mediante contrato com o Estado. Os doentes, “extraídos dos porões sombrios do hospital madrilenho”⁹⁹, eram ali acolhidos numa estrutura moderna soalheira e com muito campo, um espaço bem arejado, onde “eram submetidos a um tratamento médico-moral, mediante elementos difíceis de proporcionar na grande cidade; uma quinta agrícola, onde se ensaiava a ergoterapia, cujos trabalhos eram moderados e convenientemente dirigidos por um experiente psiquiatra”¹⁰⁰. Ali conviviam os religiosos e os seus doentes, todos se relacionavam com a comunidade local e muitos doentes deambulavam livremente pela povoação. Era um privilégio para estes filhos de Deus poderem ter aquela qualidade de vida. Contudo apenas abrangia o sexo masculino.

A própria entidade estatal de saúde madrilenha queria alargar estes cuidados às mulheres e Bento Menni também não se tranquilizava enquanto não visse esta necessidade humana colmatada. Na perspetiva de Bento Menni, e segundo a sua experiência e intuição, era

⁹⁷ Cf. V. CÁRCEL ORTÍ, *Historia de la Congregación de Hermanas Hospitalarias del Sagrado Corazón de Jesús*, Volumen I, Ciudad del Vaticano, 1988, 42-43.

⁹⁸ *Ibidem*, 42.

⁹⁹ *Ibidem*, 61.

¹⁰⁰ *Ibidem*, 61.

necessário encontrar uma casa e uma comunidade religiosa feminina que assumisse esta missão de caridade. Na sua procura, com as respostas negativas que recebeu das entidades dedicadas aos doentes, e pela exigência assistencial e moral que pretendia imprimir nesta obra, conclui que não encontrará resposta na sociedade civil. Compreende que só a caridade cristã e o espírito evangélico infundiriam o devido carisma, para tratar e servir com dedicação as doentes mentais numa entrega gratuita e destemida¹⁰¹.

Bento Menni, dando cumprimento à sua missão de restaurador da Ordem Hospitaleira, fundou hospitais e casas de acolhimento para diversos tipos de enfermidades. No entanto, experimentava o desafio do Espírito Santo que o impelia a procurar instituições de mulheres que, como os Irmãos de S. João de Deus, se consagassem e dedicassem a sua atividade às pessoas doentes do sexo feminino, em estabelecimentos próprios totalmente independentes dos masculinos. O próprio Bento Menni descreverá mais tarde que nesse tempo se multiplicavam de uma maneira alarmante as doenças mentais, referindo ainda que estes doentes que não desfrutavam cabalmente do inapreciável uso da sua razão, necessitam especialmente de serem assistidos por pessoas que, reconhecendo neles a viva imagem de Jesus Cristo, os cuidem por vocação religiosa e sempre com carinho, recordando-se que, tanto na luz do dia como na obscuridade da noite, Jesus vê quanto se faz ao doente e que tudo o considera como feito a si mesmo (cf. Mt 25).

Muitas diligências fez para conseguir que em Espanha alguma congregação de religiosas quisesse agarrar este desafio; contudo foram inúteis. Também não era sua intenção pessoal criar uma nova instituição que respondesse a esta necessidade social e eclesial. Todavia, atribui a Nossa Senhora como a Mãe de Misericórdia, incapaz de deixar por atender alguma necessidade, a confluência de alguns factos providenciais que resultaram no nascimento da Congregação das Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus. Experimentou o medo que origina dúvidas, sentiu abatimento e pequenez de coração, mas não

¹⁰¹ Cf. *Ibidem*, 61-62.

hesitou perante as indecisões que se colocam ao longo do processo de uma nova fundação e, com a confiança posta em Deus, empreendeu esta nova e tamanha tarefa. Para Bento Menni a fundação tornou-se a evidente solução, um sinal vindo do céu, quando, resistindo a tais ideias, se lhe apresentaram duas mulheres que pretendiam abraçar a vida religiosa, se dispunham a ser dirigidas por ele e, sem que ele soubesse, se tinham acolhido sob a proteção de Nossa Senhora do Sagrado Coração de Jesus, a quem ele tinha grande devoção, e sem que elas tivessem conhecimento desta característica de Bento Menni¹⁰².

Na cidade que testemunhou a conversão de S. João de Deus, que ouviu o seu pregão pelas ruas “fazei o bem a vós mesmos irmãos, dando aos pobres”, que viu a Hospitalidade encarnada no santo de Granada no acolhimento aos necessitados, e a subsequente fundação do primeiro hospital psiquiátrico com a matriz dos Irmãos de S. João de Deus, nasceram as duas mulheres que viriam a dar visibilidade ao projeto que Deus amadurecia nos corações dos três protagonistas deste quadro.

María Josefa Recio Martín aprende com a mãe o ofício de modista, é reconhecida pelo seu carácter afável, humilde e com espírito generosamente aberto ao próximo. Quando contrai matrimónio vai morar para a rua onde se encontra a basílica de S. João de Deus, e é já com este novo domicílio que dá início à grande amizade com María Angustias Giménez Vera, cujos nomes e vidas ficarão para sempre unidos na história da Hospitalidade. Três anos depois de María Josefa, nasce María Angustias na mesma cidade e recebe o sacramento do baptismo na mesma paróquia dos santos Justo e Pastor. Padece dum problema cardíaco crónico que a debilita e pelo qual recebe, desde sempre da parte da sua família, um certo cuidado e alguma liberdade para poder dedicar o seu tempo à formação pessoal e à prática religiosa. Desenvolve intensamente a experiência espiritual a ponto de desejar no seu íntimo fundar uma congregação religiosa. A frequência da basílica de S. João de Deus era comum a estas duas granadinas, facto este que as aproximou e se tornou o ponto de partida para a caminhada

¹⁰² Cf. *Ibidem*, 46-48.

espiritual que incluía o mesmo diretor espiritual, a partilha de sacrifícios e orações, o desejo comum de uma vida que se pauta pelas virtudes cristãs e as idas em conjunto ao templo, quer à basílica vizinha quer à abadia do Sacromonte. Progressivamente a sua amizade foi-se aprofundando chegando a fazerem a vida comum possível, aquela que as suas condições familiares permitiam, pois iam sentindo a necessidade de combinar os vários momentos do dia e até de assemelhar a própria forma de vestir¹⁰³.

Paralelamente, com o intuito de restaurar a sua ordem religiosa, no Verão de 1878, Bento Menni recupera a basílica de S. João de Deus que estava confiada a um sacerdote catalão. Retoma a missão hospitaleira recolhendo crianças pobres e doentes que instalará mais tarde no asilo de S. Rafael que viria a construir ali. Com estes motivos, as viagens a Granada tornam-se frequentes e durante algum tempo aí reside, dando assim a possibilidade de María Josefa e María Angustias o conhecerem e de se entregarem à sua direcção espiritual¹⁰⁴.

María Angustias no seu processo de acompanhamento espiritual, sente-se fortemente movida a revelar a Bento Menni o seu desejo de fundar uma congregação religiosa, embora consciente do projeto ser superior às suas forças e de não ter quaisquer meios materiais para tal, podendo apenas contar com a sua amiga María Josefa que, por sinal, é casada. Bento Menni recebe sempre esta proposta com indiferença e persuade-a a outros planos, como entrar numa congregação que já exista. No entanto, os planos de Deus encaminham-se para outro trajeto e o aparente obstáculo de María Josefa desaparece devido à súbita morte do seu marido, ficando assim totalmente disponível para empreender um novo rumo na história hospitaleira. Também a mãe de María Angustias veio a falecer um mês depois. Quando se viram libertas destes laços, os desejos de ambas renasceram com maior vigor e insistentemente os repetiam ao seu diretor espiritual; contudo este procurava dissuadi-las.

Bento Menni desejava assegurar o êxito de uma eventual fundação e sabia que unicamente se consegue pelo caminho da perfeição. Como refere Vicente Cárcel a propósito

¹⁰³ Cf. *Ibidem*, 51-58.

¹⁰⁴ Cf. *Ibidem*, 59-60.

deste tema, os institutos religiosos duram enquanto produzem santos para a Igreja, debilitam-se e morrem quando degeneram em associações de pessoas desprovidas de espírito sobrenatural, de zelo e disposição para progredir na virtude e desvelo na santificação das almas; quando degeneram, conservam o nome e subsiste a instituição, mas perdem o carisma fundacional. Ora, persuadido desta verdade, Bento Menni queria que estas mulheres estivessem desde o começo, exercitadas nos fundamentos mais elementares da verdadeira santidade: oração, sacrifício, amor de Deus¹⁰⁵.

Só em meados de junho de 1880 as duas granadinas recebem o esperado convite através de uma carta de Bento Menni que a escreve em Ciempozuelos: “Filhas, se quiserdes podeis vir. Já tenho uma casita onde vivereis em companhia de uma boa senhora, que irá comigo esperar-vos à estação”¹⁰⁶. Aderem saindo de casa na calada da noite de 21 de junho de 1880. É no dia de S. Luis Gonzaga que partem, no qual sentem a proteção divina de forma especial nesta dura decisão, deixando apenas uma carta aos familiares. Apanham o comboio que as leva até Córdoba onde se hospedam em casa do irmão de Santa Rafaela María, fundadora das Escravas do Sagrado Coração de Jesus, que as acolhe e anima nesta sua nova caminhada, encorajando-as a não desistir de tamanho projeto. Ao chegarem a Ciempozuelos, Bento Menni esperava-as com a Sr.^a Joaquina, esta muito devota, mas muito bisbilhoteira e deveras rabugenta para as suas novas inquilinas. A casa extremamente precária e húmida, iluminada por uma candeia, apenas com um catre e dois baús, sem assentos de alguma espécie, seria o seu abrigo nos próximos meses¹⁰⁷.

Começava assim um período de duras provas físicas e morais, de verdadeiro noviciado, que lhes permitia amadurecer a decisão e aceitar com serenidade a rigorosa disciplina da vida consagrada. Para além da vida austera a que estavam sujeitas, o trabalho

¹⁰⁵ Cf. *Ibidem*, 62-70.

¹⁰⁶ M. A. GIMENEZ VERA, *Relação sobre as origens da Congregação das Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus*, Idanha, 1998, 84.

¹⁰⁷ Cf. *Ibidem*, 89-103; V. CÁRCEL ORTÍ, *Historia de la Congregación*, 71-73.

que lhes cabia também era desagradável à natureza humana, pois tratavam da roupa muito suja, malcheirosa e esfarrapada dos doentes do hospital de S. João de Deus. Mas nenhum destes aspetos, nem a incompreensão da família, nem outras tantas dificuldades lhes tiravam a alegria e a firme convicção de se entregarem com fidelidade ao Senhor no serviço aos irmãos mais necessitados, mesmo antevendo grandes sacrifícios. O fervor apostólico das duas granadinas desvendou os enigmas e receios de Bento Menni relativamente ao tema de fundar um instituto religioso, pois o projeto de entrega generosa a Deus era concretizável, superava um sonho hipotético. Outras jovens foram integrando esta embrionária comunidade hospitaleira e, quando já eram cinco, estando Bento Menni em Barcelona, escreve uma carta no dia 19 de novembro de 1880, dia de Santa Isabel da Hungria, com diversos conselhos com vista à perfeição, e escolhendo esta figura da Igreja como especial protetora, e como exemplo a imitar¹⁰⁸.

“Minhas filhas, comunico-vos que pensei dar-vos como especial protectora a gloriosa Santa Isabel, Rainha. Sim, filhas, sede muito devotas de tão grande santa, imitai-a nas suas heróicas virtudes, na sua humildade e amor ao desprezo. Olhai, esta insigne santa, não se envaidecia pelo facto de ser rainha, ao contrário, desprezava as vãs honras que o mundo julga dignas de apreço. Quando os perseguidores a despojaram dos seus privilégios, ela, que só desejava seguir Jesus, não se entristeceu e bendizia a Deus pela graça que lhe proporcionava de sofrer estas humilhações e desprezos, entregando-se, com ardente caridade, ao serviço dos pobres nos hospitais. Filhas, tenho grande consideração por esta santa. Considerando que os pobres representavam Jesus Cristo, servia-os de joelhos, com amor. Sim, filhas, tomai esta santa como modelo de humildade e caridade. E desejo que não vos esqueçais disto que vos recomendo: rogai, trabalhai, padecei, sofrei, amai a Deus e calai”¹⁰⁹.

Foi nesse mesmo dia que Bento Menni decidiu fundar a congregação facto que confessará vinte e três anos depois numa carta escrita à superiora geral de então¹¹⁰. Paulatinamente e discretamente formou a primeira comunidade na dimensão espiritual e de

¹⁰⁸ Cf. V. CÁRCEL ORTÍ, *Historia de la Congregación*, 75-94.

¹⁰⁹ M. A. GIMENEZ VERA, *Relação sobre as origens*, 166.

¹¹⁰ Cf. BENTO MENNI, *Cartas às Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus*, Idanha, 2001, Carta 546.

vida comunitária. No início do ano 1881 insinua que procura uma casa de maiores dimensões e, certo dia, dá-lhes instruções precisas sobre o modo de conter as doentes mentais, quando necessitam deste cuidado, tema que abre novas e boas perspectivas às primeiras candidatas a Irmãs Hospitaleiras. Segundo os métodos mais modernos daquele tempo e com toda a caridade sublinha¹¹¹:

“Olhai, filhas, desta forma não as magoamos. [...] Sabeis que ao carecer de razão se tornam como crianças, de forma que sereis para elas verdadeiras mães. Sim, filhas, compadecei-vos muito delas, amai-as e respeitai-as, considerando que representam Jesus Cristo. [...] Desejo que a vossa caridade seja grande, chegando a sacrificar-vos para socorrer estas pobres. Ensino-vos isto para o caso de que a Virgem vos queira confiar algumas”¹¹².

Adquirido este procedimento teórico, entre outros, e já numa casa de maiores dimensões, as sete primeiras candidatas tiveram oportunidade de praticar a caridade hospitaleira a senhoras doentes, a partir do dia 01 de maio de 1881, dia em que recebem a primeira doente, uma noviça de outra congregação. Uma após outra, acolhem esta primeira doente com o máximo respeito, beijando-lhe os pés, gesto emblemático que perpetuará no tempo a atitude humilde que a Irmã Hospitaleira assume perante o serviço às pessoas doentes. É o próprio Jesus em sofrimento que carece de atenção, de cuidados, de caridade.

Na constituição do primeiro grupo comunitário, com dez candidatas, Bento Menni nomeia María Josefa superiora e María Angustias formadora. No final do mês de maio dirige os exercícios espirituais, preparando-as para darem início ao noviciado e vestirem os novos hábitos, acontecimento programado para o dia 31 de maio, festa de Nossa Senhora do Sagrado Coração de Jesus. Nesta data oficial da fundação, Bento Menni adverte as Irmãs Hospitaleiras para o serviço humilde e recorda que Jesus escolheu para os começos da sua Igreja uns pobres e rudes pescadores a quem confia a missão de propagar no mundo a misericórdia de Deus¹¹³.

¹¹¹ Cf. V. CÁRCEL ORTÍ, *Historia de la Congregación*, 97.

¹¹² M. A. GIMENEZ VERA, *Relação sobre as origens*, 183.

¹¹³ Cf. *Ibidem*, 206-214; V. CÁRCEL ORTÍ, *Historia de la Congregación*, 100-106.

“E para cabeça de tão ilustre família nomeou Pedro, que carecia de toda a ciência por ser um homem vulgar. Não obstante, foi a pedra fundamental da Igreja universal”¹¹⁴.

As doentes aumentavam e a organização comunitária, horários e distribuição de tarefas, dependia do serviço de atendimento às doentes, centro da missão hospitaleira. A 27 de setembro de 1882, o cardeal Moreno, arcebispo de Toledo, aprovou as primeiras Constituições redigidas por Bento Menni, inspiradas na regra de Santo Agostinho. Rapidamente a congregação das Irmãs Hospitaleiras ficou conhecida em toda a Espanha e de todas as partes chegavam pedidos de internamento, mas não era possível atender a todos. Os fundos económicos eram verdadeiramente escassos, o que obrigava as Irmãs Hospitaleiras a pedirem esmola para fazer face aos gastos. Em pouco tempo o número de aspirantes cresceu, verificando-se que, no Verão de 1883, o número de noviças e professoras ascendia a quarenta e seis. Nesta altura deu-se um episódio que marcaria para sempre a história e carisma desta nascente congregação religiosa¹¹⁵.

María Josefa além de ser exemplar na vivência da pobreza, na laboriosidade, na atenção e serviço às irmãs da comunidade, era a primeira no cuidado das doentes e adiantava-se a todas nas tarefas mais penosas e repugnantes. Persuadida que servia a Deus nas doentes, colocava nesta premissa todo o seu empenho e toda a sua alma. Com frequência se colocava de joelhos para alimentar as doentes pois com fé as venerava, e se alguma, por circunstâncias de agitação, necessitava de ser contida, não sossegava enquanto não se revertia esta situação. Certo dia do mês de agosto de 1883, uma senhora que estava internada há um ano, num episódio de agressividade e de descontrole total, atinge gravemente a fundadora deixando-a bastante magoada. Mesmo neste estado de fragilidade física, a preocupação continuou centrada nos outros, desfocando a atenção de si e insistindo para que dessem, tanto à doente como às Irmãs Hospitaleiras envolvidas neste episódio, um chá de tília. Sofreu esta provação com serenidade e por amor de Deus recomendando sempre aos outros membros da

¹¹⁴ M. A. GIMENEZ VERA, *Relação sobre as origens*, 213.

¹¹⁵ Cf. *Ibidem*, 224; V. CÁRCEL ORTÍ, *Historia de la Congregación*, 109-118.

comunidade que tratassem as doentes como imagens de Jesus Cristo, pois tudo que se lhes faz é a Ele mesmo¹¹⁶. Em consequência desta agressão o estado de saúde de María Josefa agravava-se progressivamente vindo a falecer no dia 30 de outubro de 1883. Nos últimos dias, estando reunidas à sua volta todas as Irmãs Hospitaleiras, proferiu o seu “testamento espiritual”. Dele salientamos a seguinte exortação: “Sede muito caridosas com as pobres doentes, servindo-as com amor, com especial dedicação para com as mais difíceis”¹¹⁷.

As Irmãs Hospitaleiras assumiram este episódio como o grão de trigo que morre na terra para que nasçam e frutifiquem muitos outros (cf. Jo 6). Uma das fundadoras foi mártir da caridade imprimindo nas futuras gerações a marca a ostentar aos homens e mulheres de cada tempo e lugar.

2. APELOS DO MUNDO E EXPANSÃO DA CONGREGAÇÃO

Na opinião de Jesús Alvarez Gómez, o nascimento de uma congregação religiosa acontece, quando alguns homens e mulheres tomam consciência de que receberam um mesmo carisma vocacional, sentem-se identificados com o fundador ou fundadoras, e se unem para levar a cabo a missão e o estilo de vida que implica¹¹⁸.

À medida que se descobria a obra de Bento Menni e se difundiam os fins da mesma, as vocações multiplicavam-se vindas de toda a Espanha. O que no princípio, desde junho até dezembro de 1880, era uma reduzida comunidade de apenas quatro ou cinco pessoas, incrementou-se no ano seguinte, e em 1882, dobrou o número de elementos. Aquela época era de grande florescimento vocacional naquele país, de abertura de muitas casas religiosas que se

¹¹⁶ Cf. V. CÁRCEL ORTÍ, *Historia de la Congregación*, 117-120.

¹¹⁷ M. A. GIMENEZ VERA, *Relação sobre as origens*, 253.

¹¹⁸ Cf. J. ÁLVAREZ GÓMEZ, *Vida consagrada para o terceiro milénio. Da renovação à refundação*, Paulus, Apelação, 2000, 162.

havia fechado e do surgir de novas congregações religiosas. O segredo para o bom desenvolvimento dos novos institutos, foi a conjugação do facto de se inspirarem em carismas fiéis à tradição religiosa e de serem criativos em dar resposta aos emergentes desafios da sociedade, capazes de colmatar as lacunas de assistência social e de saúde, que o Estado esquecia por completo.

Esta obra começada com Bento Menni, María Josefa e María Angustias, chegava às franjas da população, aos elementos mais marginalizados por uma sociedade que economicamente se estava a desenvolver e que evoluía rapidamente, mas que tendia a ignorar aqueles que padeciam de doenças mentais, sendo que também estes cresciam ao mesmo ritmo. A obra hospitaleira nesta conjuntura, caracteriza-se por ser árdua e ambiciosa, porque quer dar resposta a carências reais, emergentes e desfavorecidas, e por encontrar grandes obstáculos na sua implementação, só superáveis pela boa vontade e honestidade dos corações que a ela se dedicam, e à Providência Divina que não abandona as suas causas¹¹⁹. Em 1889 já são cinco os centros assistenciais das Irmãs Hospitaleiras em Espanha para senhoras doentes mentais e meninas doentes pobres, onde, seguindo os ensinamentos de Bento Menni, se procurava não só o alívio e cura das situações de doença, como também o bem espiritual e instrução religiosa quando o estado de saúde e condição o permitia¹²⁰.

A missão de Bento Menni, como restaurador da Ordem de S. João de Deus, abrangia também Portugal onde tinha sido suprimida pelos governos liberais. A casa natal de S. João de Deus, em Montemor-o-Novo, ainda existia, mas ameaçava ruir. Para conservar este edifício, Bento Menni enviou dois Irmãos Hospitaleiros da comunidade de Granada, uma vez que a sua deslocação a Portugal ainda não se tinha proporcionado. Quando foi possível, fez a sua primeira viagem a Lisboa, onde teve ocasião de verificar que se procurava revitalizar e melhorar os cuidados aos sacerdotes idosos e doentes que habitavam no ex-convento de Santa Marta. Bento Menni aproveitou esta porta aberta para instalar uma comunidade de Irmãos

¹¹⁹ Cf. V. CÁRCEL ORTÍ, *Historia de la Congregación*, 153-155

¹²⁰ Cf. *Ibidem*, 199-200.

Hospitaleiros no país. Os contactos com o meio envolvente foram sempre favoráveis e encontrou muitos benfeitores, amigos e sacerdotes que tornaram possível o ressurgir da Ordem Hospitaleira em terras lusas. Assim, a 20 de abril de 1891, dá a conhecer o novo projeto de abertura de uma casa para meninos órfãos e deficientes pobres em Aldeia da Ponte, diocese da Guarda, facto que se consuma em meados de 1892, com a ereção de uma comunidade de Irmãos de S. João de Deus.

A passagem frequente de Bento Menni por estas regiões permitiu que o povo português tivesse conhecimento da obra iniciada em Ciempozuelos e consolidar a credibilidade na mesma. Se as candidatas à vida consagrada hospitaleira em Espanha cresceram exponencialmente nestes primeiros anos da fundação, o mesmo se pode dizer do resto da Península Ibérica. Tanto as portuguesas como as espanholas chegavam a Ciempozuelos em grupos, normalmente enviadas por sacerdotes que as acompanhavam nas suas paróquias. Desta feita, com o crescimento de recursos humanos, a par da restauração da Ordem de S. João de Deus, Bento Menni pode erigir diferentes estruturas assistenciais, concretamente em Portugal: depois de fundar a Casa de Saúde do Telhal - Sintra, em 1892, dos Irmãos de S. João de Deus, fundou a Casa de Saúde da Idanha - Sintra, em 1894, das Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus com uma nova comunidade cuja superiora e algumas Irmãs Hospitaleiras já eram de nacionalidade portuguesa¹²¹. Nesse mesmo ano funda o primeiro centro assistencial em França, na cidade de Paris, destinado a atender meninas doentes e deficientes.

Os necessitados dos cuidados dos Irmãos de S. João de Deus e das Irmãs Hospitaleiras são muitos. A título de exemplo, em 1895, na zona de Barcelona, os Irmãos Hospitaleiros atendiam no seu hospital uns oitocentos homens, e no hospital das Irmãs Hospitaleiras, estas atendiam umas setecentas mulheres. A par destes números, as vocações à vida hospitaleira

¹²¹ Cf. *Ibidem*, 170-176.

também eram em quantidade proporcional, a ponto de, em 1896, Bento Menni estabelecer o segundo noviciado da congregação em San Baudilio de Llobregat (Barcelona)¹²².

A atividade nestes tempos era imensa e até março de 1903, Bento Menni já tinha fundado na Congregação das Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus seis hospitais psiquiátricos (Ciempozuelos, Málaga, Palencia, Idanha, San Baudilio e Santa Águeda) e três asilos para meninas (Madrid, Barcelona e Paris). A 21 de junho desse ano, escreve às Irmãs Hospitaleiras uma carta-circular na qual faz o balanço da atividade da congregação e onde patenteia a preocupação de melhorar em cada dia a organização interna, estruturas de governo e o espírito religioso das Irmãs Hospitaleiras¹²³. Em 1905 abre-se a primeira comunidade em Itália (Roma), que viria a assistir senhoras doentes e meninas pobres e doentes.

Amadurecidos os primeiros vinte e cinco anos da congregação, Bento Menni insistia com as Irmãs Hospitaleiras no sentido de se manterem fiéis ao carisma fundacional com práticas religiosas adaptadas às circunstâncias. Estava atento ao desenvolvimento da instituição eclesial que ajudara a criar e era assertivo nas intervenções. Chegava sempre no momento oportuno com a finalidade exclusiva de manter vivo nas Irmãs Hospitaleiras o chamamento à vocação hospitaleira e também evitar desvios à intuição que o Espírito Santo lhe infundira.

Apesar dos anos politicamente tempestuosos, em 1907 foi fundado o noviciado português em Idanha, pois as vocações em Portugal também estavam em crescente. Em consequência da implantação da República em 1910, as congregações religiosas foram suprimidas, mas às Irmãs Hospitaleiras, porque cuidavam dos doentes mentais, foi-lhes permitido permanecerem no território português, sem hábito religioso, e apenas as de nacionalidade portuguesa. As Irmãs Hospitaleiras espanholas regressaram ao seu país, ficando apenas a superiora (espanhola) com permissão do governo revolucionário¹²⁴.

¹²² Cf. *Ibidem*, 203-205.

¹²³ Cf. *Ibidem*, 244; BENTO MENNI, *Cartas*, Carta 534.

¹²⁴ Cf. V. CÁRCEL ORTÍ, *Historia de la Congregación*, 250-251.

Em 1908 a congregação contava com trezentas e noventa e três Irmãs Hospitaleiras e trinta anos após a fundação contava com treze casas e mais de quinhentas Irmãs Hospitaleiras em Espanha, Portugal, França e Itália. A 24 de abril de 1914, Bento Menni morre em Dinan, França, mas deixou às suas filhas um grande património espiritual e técnico. Os ensinamentos do fundador tinham valor perene: o trato com as doentes tinha sempre merecido a sua atenção desde o princípio da congregação, e ele não tinha deixado um só momento de insistir às suas religiosas sobre o altíssimo valor humano e sobrenatural da assistência às doentes acolhidas em suas casas¹²⁵.

Após a morte do fundador e depois de alguma instabilidade inerente aos primeiros anos de uma nova vida, a congregação prosseguiu o rumo do fazer o bem, bem feito, atendendo as pessoas doentes, segundo as necessidades do tempo e lugar. Tanto abriam centros para atendimento de senhoras idosas, como para crianças doentes, consoante as propostas e necessidades que surgiam, e sempre em fidelidade ao carisma fundacional. Com frequência era o próprio Estado que solicitava o serviço e gestão da Irmãs Hospitaleiras para determinados hospitais de sua propriedade e responsabilidade. Outras vezes eram convidadas por benfeitores a desenvolver atividade junto dos mais pobres, sendo que a sua subsistência provinha da generosidade das populações locais e dos donativos que as Irmãs Hospitaleiras recolhiam por todo o território por onde andavam na missão de pedir esmola. Alguns edifícios e quintas eram doados, ou concediam usufruto à congregação, com a específica finalidade de assistir determinado grupo de pessoas doentes.

Desde sempre as Irmãs Hospitaleiras puderam contar com estes contributos para a prossecução da missão em termos económico-financeiros. Sob o ponto de vista dos recursos humanos, contaram desde os primórdios, para além do seu próprio trabalho e dedicação a tempo inteiro, com a colaboração de bons e conceituados médicos, sobretudo psiquiatras. Em 1917 as Irmãs Hospitaleiras começaram os estudos oficiais de enfermagem procurando que

¹²⁵ Cf. *Ibidem*, 384, 275 e 417.

anualmente se preparasse um grupo de enfermeiras, quer gerais quer de psiquiatria. Assim rapidamente se formou um bom grupo especializado nos cuidados diretos às doentes atingindo em 1920 o número de trinta e três enfermeiras¹²⁶. É de salientar que, desde as origens, a congregação procurou seguir a máxima do fundador que, na assistência ao doente, a caridade e a ciência se complementam.

As sucessivas superiores gerais marcavam carismaticamente o rápido crescimento da congregação e eram zelosas em manter as obras e a vivência religiosa das Irmãs Hospitaleiras em fidelidade ao espírito dos fundadores. Nos finais dos anos 20 inícios da década de 30, a congregação desenvolveu-se ampliando as suas possibilidades de missão evangélica e social, com a aposta na formação humana dos seus membros e com a introdução de reformas e novidades exigidas pelos novos tempos. Adquiriram-se alguns terrenos para construção de obras cujos destinatários continuavam a ser meninas doentes pobres ou senhoras doentes do foro psiquiátrico. Em 1932 a congregação contava com novecentas e cinco Irmãs Hospitaleiras repartidas em vinte e quatro casas, espalhadas por Espanha, Portugal, Itália, França e Inglaterra¹²⁷.

No período da guerra civil de Espanha as autoridades civis e militares solicitaram a colaboração das Irmãs Hospitaleiras para assistir os doentes mentais e feridos de guerra nos estabelecimentos instalados em diversas cidades. Ainda nesta época de grande desordem, o Estado pediu à congregação que organizassem os hospitais psiquiátricos de certas zonas de Espanha e, apesar das dificuldades, as Irmãs Hospitaleiras foram respondendo às solicitações na medida das suas possibilidades. Neste período da história com grandes tribulações em Espanha algumas Irmãs Hospitaleiras foram presas durante vários meses, mas depois da guerra civil, a Igreja conheceu uma época de grande proteção e assistência por parte do Estado. As Irmãs Hospitaleiras, tal como as restantes ordens e congregações religiosas,

¹²⁶ Cf. *Ibidem*, 420-431.

¹²⁷ Cf. *Ibidem*, 426, 436-437 e 458.

beneficiaram desta situação na qual o sistema político e social tendia a favorecer estruturas e instituições inspiradas nos princípios da religião católica.

Com a segunda guerra mundial as comunidades e casas da Europa foram afetadas mas mantiveram a missão hospitaleira, e em algumas casas acolheram meninas que ficaram órfãs em consequência da guerra¹²⁸.

A relação com a Igreja local e com as entidades civis foram sempre pilares determinantes no exercício da missão hospitaleiras, pois a raiz desta está na identidade eclesial e os destinatários da mesma são os cidadãos das margens da sociedade muitas vezes descartados do público em geral. A expansão da missão da congregação continuou, o relacionamento por parte das entidades civis era favorável, e em 1949 entende-se para o outro lado do Atlântico. Em resposta ao apelo do bispo e do governador de Pasto-Nariño, nasce na Colômbia a primeira de muitas fundações da América do Sul¹²⁹.

A chegada das Irmãs Hospitaleiras a África para exercer o carisma em terras de missão muito necessitadas de assistência sanitária, deveu-se às Irmãs Hospitaleiras de Portugal que, por intermédio e em resposta ao desafio dos Irmãos de S. João de Deus, chegaram a Moçambique nos inícios de 1958. Depois de terem todas as autorizações civis e religiosas, e de verem expresso o assentimento do cardeal, do governador e do diretor geral de Saúde de Lourenço Marques, partem rumo à nova missão onde vão encontrar de imediato noventa e oito doentes nas instalações pertencentes ao Estado¹³⁰.

Na senda de Bento Menni, preconizou-se sempre em estar na vanguarda na assistência ao doente. Uma das áreas em que as Irmãs Hospitaleiras foram pioneiras, foi a que hoje chamamos terapia ocupacional, visando estimular e ajudar a desenvolver as capacidades motoras, cognitivas e sociais.

¹²⁸ Cf. *Ibidem*, 463-478.

¹²⁹ Cf. *Ibidem*, 480-483.

¹³⁰ Cf. *Ibidem*, 504.

Para secundar as orientações da Santa Sé e perante as novas exigências da medicina em progresso constante, a congregação criou em Madrid uma escola de enfermeiras, e na Idanha uma escola de enfermeiras psiquiátricas¹³¹.

3. O EXERCÍCIO DA CARIDADE COMO GARANTIA DA FIDELIDADE FUNDACIONAL

Deus confia aos fundadores de uma congregação ou de uma ordem religiosa a iniciativa de promover uma nova forma de existência e missão na Igreja. Nasce com eles uma identidade congregacional que define uma maneira particular de servir a Deus. “Todo o fundador religioso é uma palavra que Deus dirige ao mundo e à Igreja”¹³², pois, por desígnio divino, os fundadores recebem a graça particular do carisma que transmitem aos seus filhos e filhas. Tornam-se verdadeiros mensageiros de Cristo, capazes de comprometer outras pessoas no mesmo projeto de vida, a fim de atender às necessidades da Igreja em cada nova circunstância histórica. O instituto que fundaram, num determinado momento da história, é sinal de um mistério que se prolongará no tempo e no espaço. Existe uma continuidade no desígnio divino, pois o que o Senhor suscitou através de um homem ou de uma mulher num determinado momento, e num lugar concreto, continuará suscitando, pela mediação permanente dos mesmos fundadores, mesmo que já tenham morrido¹³³.

Os institutos religiosos, tanto masculinos como femininos, têm uma tradição de séculos no campo social, ao ponto de terem abarcado uma grande parte da atividade da sociedade civil e da Igreja nesse campo. Com a revolução industrial e com os decorrentes problemas laborais e sociais, começou-se a reivindicar, como justiça social, as dimensões que

¹³¹ Cf. *Ibidem*, 491-492 e 513.

¹³² J. ÁLVAREZ GÓMEZ, *Vida consagrada para o terceiro milénio*, 195.

¹³³ Cf. *Ibidem*, 193-194.

os religiosos até aí tinham realizado como obras de misericórdia, em favor dos pobres nos seus hospitais, escolas, asilos, orfanatos, e demais obras assistenciais.

Do ponto de vista teológico, a justiça social e as obras de misericórdia são realidades distintas cuja meta é a mesma, isto é, a salvação integral do ser humano. Na opinião de Jesús Álvarez Gómez, a justiça social nunca deveria esquecer a dimensão transcendente do ser humano, nem as obras de misericórdia deveriam esquecer a dimensão imanente do homem que caminha entre as vicissitudes da história¹³⁴.

Para os membros das ordens e congregações religiosas, a justiça social entra na perspectiva das profissões laborais, enquanto que as obras de misericórdia estão no âmbito da missão salvífica que são chamados a desempenhar por uma vocação recebida de Deus. É de realçar que o cumprimento da missão por parte dos religiosos, passa pela competência no cumprimento da sua profissão laboral, quer seja na saúde, na educação, na assistência social ou em qualquer outra¹³⁵. Estes homens e mulheres do absoluto traduzem o seu modo de ser no seu modo de fazer, pois o testemunho do Reino de Deus passa também pelo que fazem e sobretudo pela atitude com que exercem as suas competências profissionais. É inerente ao compromisso com Deus num instituto religioso, o compromisso numa missão específica na construção da sociedade que se pautem pelos valores do Reino.

O prólogo das Constituições das Irmãs Hospitaleiras, datadas de 1882, faz referência à intenção original da fundação da congregação. Esta resultou da comoção do coração animado pela caridade de Cristo que, ao ver o número crescente de doentes mentais, sente necessidade de lhes oferecer condições de assistência médica e social, aliada à caridade cristã que foi sempre a primeira a consolar e a enxugar as lágrimas da humanidade sofredora. No corpo destas Constituições, tradução do Evangelho para o quotidiano das Irmãs Hospitaleiras, é desenvolvido este tema, preconizando que a missão da congregação é o exercício constante da virtude da caridade cristã no socorro, cuidado e assistência contínua às senhoras doentes

¹³⁴ Cf. *Ibidem*, 133.

¹³⁵ Cf. *Ibidem*, 134.

mentais, integrando as dimensões corporal e espiritual (artigos 3 e 5). Com a linguagem da época está patente que as Irmãs Hospitaleiras devem olhar e cuidar as doentes com solicitude de verdadeiras mães (artigo 80), tendo presentes cinco aspetos, a saber: assistência médica trabalhando em concordância com os avanços da ciência em favor do doente (artigo 82); assistência piedosa como concretização da ideia fundadora, isto é, a caridade e a ciência trabalham de acordo e ajudam-se mútua e necessariamente para a cura do doente (artigo 83); assistência de alimentação procurando um serviço de qualidade (artigo 84); assistência higiénica tanto pessoal como das instalações que se fomentarão amplas e bem ventiladas (artigo 85); recreação e ocupação para alívio e cura de algumas doenças (artigo 86). São todos aspetos que visam a humanização dos cuidados, uma caridade encarnada onde o centro de toda a atividade, organização e preocupação é a pessoa assistida.

A centralidade do doente ganhou corpo desde as origens da congregação bebendo dos relatos evangélicos e da ação de Jesus neles, as linhas de orientação, as diretrizes para a salvação do homem doente, as atitudes para a expansão do Reino. O ícone do bom Samaritano (cf. Lc 10,29-37) modelou as diferentes gerações de Irmãs Hospitaleiras assumindo em cada jornada o “vai e faz tu o mesmo” no serviço à pessoa que sofre. Cada gesto descrito na parábola concretiza a caridade cristã que a Irmã Hospitaleira quer preservar e transmitir, pois é esta a sua forma de evangelizar. A centralidade do doente e a preocupação por uma assistência integral estão no ADN da congregação, materializando a mensagem de Jesus quando apresenta o “juízo final” como um julgamento dos atos concretos de amor aos irmãos que padecem de alguma necessidade. Na missão hospitaleira não faltam oportunidades para fazer presente Jesus misericordioso através de gestos de acolhimento, mas também não faltam ocasiões de contacto pessoal com Jesus que se identificou com os mais pequenos (cf. Mt 25). Com frequência Bento Menni exorta as Irmãs Hospitaleiras para esta dimensão reforçando que os doentes são “imagens vivas” de Jesus¹³⁶.

¹³⁶ Cf. BENTO MENNI, *Cartas*, 406 e 660.

Esta instituição eclesial deve ser fiel, ao longo do tempo, à missão e ao consequente estilo de vida que os fundadores iniciaram, ou seja, o núcleo original; a atitude que congregava os fundadores, deve manter-se através do tempo e do espaço. Mas a evolução da história e a difusão espacial afastam da origem, o que obriga a uma reinterpretação e questionamento permanentes sobre a intenção originária¹³⁷. É certo que o carisma está mais ligado ao espírito do que à forma; no entanto, todo o carisma religioso tem de estar necessariamente encarnado e marcado pela cultura de uma época e de um país determinado. Neste sentido, não pode existir um carisma religioso sem uma visibilização do mesmo.

Ao longo da história, cada instituto religioso foi assumindo diferentes rostos e empregou diferentes linguagens, de acordo com os diversos desafios apresentados pela Igreja e pelo mundo¹³⁸. O Concílio Vaticano II, com o seu cariz de renovação, exortou os membros dos institutos religiosos a reverem a sua identidade e a sua missão apostólica, a beber das origens orientação, voltando às fontes. Com as reformas que daí adviessem, teria sempre de prevalecer o testemunho evangélico, o regresso à missão originária, a fidelidade a uma maior pobreza evangélica e a opção pelos pobres que foi prioritária no tempo dos fundadores. Quanto às obras apostólicas, a sua reconversão teria de corresponder a uma resposta de fidelidade a Deus e ao seu plano de salvação, tendo em conta o enquadramento da fundação neste plano salvífico, a sua continuidade e legitimidade¹³⁹.

A evolução da sociedade e das ciências da saúde, impelem ao questionamento da pertinência e atualização do carisma hospitaleiro exigindo uma constante renovação. Nesta linha, como exemplo desta preocupação de acompanhamento do desenvolvimento do meio envolvente, surge em 1994 o documento “Projecto Hospitaleiro Integral” (PHI). É um instrumento de trabalho para toda a congregação, que pretende responder aos crescentes desafios de uma sociedade caracterizada por mudanças vertiginosas, mas que estimulam a

¹³⁷ Cf. J. ÁLVAREZ GÓMEZ, *Vida consagrada para o terceiro milénio*, 162-164.

¹³⁸ Cf. *Ibidem*, 196-198.

¹³⁹ Cf. *Ibidem*, 135-136.

oferecer novas respostas carismáticas e evangelizadoras no mundo da saúde. Está patente a continuidade das premissas de Bento Menni que sempre soube articular o progresso médico com a atitude evangélica da misericórdia. Na apresentação do PHI a Superiora Geral afirma que as Irmãs Hospitaleiras não podem escolher um caminho diferente do dos fundadores. Esta senda inclui todos os profissionais de saúde, e procura construir um mundo melhor, mais humano, onde cada pessoa e sobretudo cada pessoa doente, possa encontrar a atenção integral que lhe corresponde. O documento envolve todos os intervenientes da missão hospitaleira num exercício de profunda adaptação das instituições à realidade da saúde, visando a atenção integral da pessoa. Evidencia-se a conceção humanista e cristã relativamente ao ser humano nas suas dimensões biológica, psicológica e social articuladas por um tecido espiritual, ético e relacional¹⁴⁰.

Neste âmbito de atualização, de compromisso com os contemporâneos, e de configuração com Cristo que passou pela terra fazendo o bem (cf. Act 10,38), os sucessivos Capítulos Gerais emitem documentos de reflexão e orientação para uma fidelidade criativa do carisma fundacional. Nesta sequência de documentos, as Irmãs Hospitaleiras são chamadas a revitalizarem a sua forma de fazer presente o Cristo misericordioso do Evangelho, sendo que a mudança de paradigma abre a novos horizontes e alarga as dimensões do carisma com respostas mais assertivas às necessidades do mundo e da Igreja. Como exemplo, no ano 2000 formula-se um novo paradigma com o documento capitular proposto para toda a congregação, onde o episódio do possesso de Gerasa (cf. Mc 5,1-20) é objeto de estudo e inspirador de campo de missão.

O encontro de Jesus com o endemoninhado espelha a ação evangelizadora no mundo misterioso e atormentado do sofrimento psíquico. Esta narração proporciona uma chave de interpretação para a leitura dos aspetos fundamentais do carisma fundacional¹⁴¹. A caridade

¹⁴⁰ Cf. CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS HOSPITALEIRAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, *Projecto hospitaleiro integral*, Idanha, 1994, 9-12.

¹⁴¹ Cf. IDEM, *Documento do XVIII Capítulo Geral*, Roma, 2000, 9.

em ação passa por libertar o homem das diversas naturezas de amarras, passa por acolher aquele que vive entre os diferentes tipos de túmulos, passa por enviar aos seus os curados. A salvação chega aos marginalizados, sobrepondo-se às relações agressivas e estados caóticos de personalidade. Este paradigma hospitaleiro atualiza a missão num âmbito comunitário, numa dinâmica inclusiva, à semelhança de Jesus que chama a si todos os excluídos. Abre caminho para ir ao encontro dos desprovidos de afeto, numa relação cada vez mais próxima, acolhedora e verdadeiramente reabilitadora. Neste documento é sinalizada como a primeira e fundamental peça do mosaico terapêutico, o acolhimento hospitaleiro que reconhece a dignidade da pessoa doente com as suas possibilidades e os seus limites, com os seus ideais e as suas frustrações, fazendo memória das atitudes maternais personificadas na fundadora María Josefa¹⁴².

No sexénio seguinte é sublinhada a perspetiva da missão hospitaleira como um modo de anunciar e realizar a ação salvífica e sanadora de Jesus em favor das pessoas marginalizadas e doentes. A identidade carismática reveste-se de gestos e palavras sanadoras que transformam o sofrimento e a tristeza em gozo, esperança e saúde integral. É trazido à consciência de todos que, 125 anos após o início da congregação, a missão hospitaleira é a boa notícia da sanação de Deus para o homem de hoje, que a caridade e um serviço de qualidade que cura e integra o doente, são aspetos que tornam presente o Deus da vida. Como Jesus, verdadeiro benfeitor da humanidade, que interpretou a sua missão messiânica como uma missão sanadora, somos chamadas a atuar como e com Ele abrindo horizontes de plenitude a todos os homens. As Irmãs Hospitaleiras são desafiadas a fazer da sua missão uma autêntica manifestação histórica da missão sanadora de Jesus, a fermentar nas margens da sociedade o Reino, a integrar os paralisados pela exclusão alheia¹⁴³.

Hoje o lema é recriar a hospitalidade impulsionadas pelo Espírito, reafirmando a prioridade de revitalização, para dar novo rosto à misericórdia, pois a missão de Jesus pode

¹⁴² Cf. *Ibidem*, 49-50.

¹⁴³ Cf. IDEM, *Documento do XIX Capítulo Geral*, Roma, 2006, 6-7, 21-28 e 39.

continuar através daqueles que ouvem a sua mensagem e se deixam interpelar por ela. Neste contexto, o envio para a missão é o eixo que aglutina toda a vida e dedicação da congregação no serviço às pessoas mais vulneráveis e no anúncio da presença do Reino. O serviço hospitaleiro realizado em nome de Jesus e com os seus sentimentos, é sinal da presença do Reino na história atual, é lugar privilegiado para descobrir o rosto de Jesus e testemunhar a compaixão de Deus para com os mais desfavorecidos e indefesos. Desta forma, realiza-se a missão de uma Igreja samaritana que opta pelas pessoas mais vulneráveis, excluídas e necessitadas¹⁴⁴. No último documento capitular a Superiora Geral conclui o mesmo com a cena da visita de Maria de Nazaré à sua prima Isabel (cf. Lc 1,39-56), afirmando:

“a vitalidade do carisma, as urgências dos pobres e doentes pressionam-nos; e a nossa resposta há-de ser rápida e ousada. [...] Aqueles que procuram os nossos serviços devem sentir-se acolhidos, reconhecidos, sanados... devem experimentar, todos os dias, a visitação hospitaleira”¹⁴⁵.

¹⁴⁴ Cf. IDEM, *Documento do XX Capítulo Geral*, Roma, 2012, 11-16, 18-23 e 52.

¹⁴⁵ *Ibidem*, 51-52.

CAPÍTULO III

IDENTIDADE HOSPITALEIRA NO MUNDO DE HOJE

Relacionar carisma religioso com a história remete sempre para o debate da relação do carisma com o Espírito Santo e com a Igreja. A presença de um carisma religioso, a sua origem, o seu dinamismo crescente, a sua permanente renovação e adaptação a todas as novas situações eclesiais e sociais, só se entende com uma referência direta à ação do Espírito Santo. Não se podem ignorar ou afastar as explicações dos sociólogos acerca da origem dos institutos religiosos, pois as suas manifestações externas também estão submetidas às leis sociológicas, como qualquer outro grupo humano. No entanto, são interpretações que ficarão sempre incompletas, porque a identidade de um instituto religioso nunca poderá ser entendida em profundidade, sem remeter a sua origem para o plano da fé¹⁴⁶.

Na realidade, os fundadores religiosos são herdeiros do tempo em que vivem, experimentam as dificuldades próprias da sua época e são influenciados pelo meio envolvente. Inseridos no contexto social, económico, político, religioso e eclesial, a sua preocupação está focada na resolução dos problemas existentes, que descobrem melhor que os seus contemporâneos, por se deixarem iluminar e esclarecer pelo Espírito Santo. Com frequência, a clarividência dos fundadores religiosos em relação a determinado problema humano ou eclesial, contrasta com a cegueira, inércia ou incapacidade de respostas adequadas dos restantes agentes. Contudo, o que qualquer fundador religioso pretende não se reduz à

¹⁴⁶ Cf. J. ÁLVAREZ GÓMEZ, *Vida consagrada para o terceiro milénio*, 195-206.

resposta a uma necessidade ou a solucionar um aspeto pontual técnico, educativo, assistencial. O compromisso essencial de cada instituto religioso prende-se com a opção dos fundadores e seus seguidores; isto é, viverem o Evangelho de uma maneira peculiar com enfoque em determinada faceta da vida e obra de Jesus¹⁴⁷.

Na atualidade as palavras “misericórdia” e “compaixão” estão tendencialmente esquecidas e rapidamente se empurram para o capítulo do sentimentalismo, ou mesmo se avizinham à fraqueza humana. Do mesmo modo, aqueles que aderem às bem-aventuranças do Sermão da Montanha e questionam a ordem das coisas, facilmente são classificados com o rótulo de ingénuos ou de anacrónicos. No entanto, existe um desconcertante movimento de solidariedade e de empatia para com as vítimas de catástrofes e de acontecimentos violentos e injustos. Assiste-se a uma mudança de paradigma no mundo da psicologia, da sociologia e da pastoral, onde, em vez de se declinar a compaixão, se prefere a empatia, isto é, a compreensão por meio da identificação afetiva. Considera-se demonstração de verdadeira humanidade, identificar-se com a situação, com o mundo de sentimentos, pensamentos e experiências existenciais de outra pessoa, colocar-se no seu lugar para entender a sua maneira de pensar e atuar¹⁴⁸.

Esta leitura dos sinais dos tempos apresenta-se como um desafio para a Igreja de hoje, pois as obras de misericórdia não perderam a validade, o leque das carências é ainda mais vasto e revestido de novas formas de pobreza. A diversidade de situações é de tal ordem que exigem uma resposta pluridimensional que vai além da satisfação das necessidades básicas. A misericórdia cristã não se pode circunscrever aos aspetos de cariz físico; a caridade cristã obriga a um enfoque integral que considere as diferentes dimensões da pobreza. Perante esta conjuntura, a Igreja deve perguntar-se numa atitude de auto-crítica e de permanente renovação sobre a sua essência, isto é, se está a ser a Igreja de Jesus Cristo, uma Igreja de caridade e de

¹⁴⁷ Cf. *Ibidem*, 200-210.

¹⁴⁸ Cf. W. KASPER, *La misericordia. Clave del Evangelio y de la vida cristiana*, Sal Terrae, Santander, 2013, 3ª edición, 24-26.

misericórdia. Por sua vez, as instituições eclesiais que se dedicam ao atendimento dos irmãos mais necessitados devem caracterizar-se por uma cultura cristã da compaixão, segundo o Cardeal Walter Kasper. Acrescenta ainda que tais equipamentos assistenciais, estando munidos dos mais modernos dispositivos materiais, não se devem deixar manipular pelo sistema tecnológico, económico e burocrático, abdicando do espaço para a solicitude humana, para a escuta e o consolo. Também defende que para garantir a presença da cultura da misericórdia são necessários cuidadores que sejam pessoas misericordiosas¹⁴⁹.

1. SOLIDARIEDADE E SUBSIDIARIEDADE

A Igreja atenta à dignidade da pessoa humana e ao seu carácter social tem vindo a desenvolver a denominada doutrina social da Igreja, donde sobressaem os princípios mutuamente complementares da subsidiariedade e da solidariedade. A subsidiariedade tem em conta o respeito pela dignidade e responsabilidade de cada pessoa, o que implica uma ajuda social vocacionada para o desenvolvimento do potencial de cada indivíduo, capacitando-o para a sua auto-ajuda. Neste âmbito as entidades superiores, como por exemplo o Estado, apenas devem intervir para apoiar ou regular as entidades inferiores quando estas não se podem valer por si mesmas. Nesta interpretação, a intervenção estatal fomenta a autonomia, a iniciativa, o compromisso pessoal e de cidadania dos particulares e das organizações. A solidariedade parte do facto do homem ser um ser social, que implica uma atitude interpessoal capaz de envolver dinâmicas conducentes à participação de todos no bem-estar coletivamente gerado¹⁵⁰.

Na conceção da moral católica, a intervenção do Estado na vida social, deve reger-se pelos princípios da subsidiariedade e da solidariedade. A doutrina social da Igreja defende a

¹⁴⁹ Cf. *Ibidem*, 141-166.

¹⁵⁰ Cf. *Ibidem*, 183-184.

necessidade do Estado com a finalidade de serviço às pessoas e aos grupos, reconhece nele as diferentes funções da solidariedade e da subsidiariedade e a inerente vinculação ao direito¹⁵¹.

A este respeito a Conferência Episcopal Portuguesa exorta a considerar alguns valores e princípios fundamentais que a Igreja preza como estruturantes e orientadores, quer da sua ação social concreta, quer da atitude que assume perante a sociedade humana e suas organizações. Refere-se à solidariedade como princípio e virtude da ética dos povos que brota da responsabilidade comum e universal¹⁵². No que diz respeito à relação da pessoa humana com a sociedade, elege três critérios que se devem ter em conta: a prioridade da pessoa humana, o imperativo daquela relação como base de realização pessoal, e o papel dos diferentes corpos intermédios. O princípio da subsidiariedade traduz-se na aplicação político-social destes três critérios, que tem como consequência a obrigação positiva e inerente do Estado em empregar todos os esforços para possibilitar a participação e a co-responsabilidade das pessoas e corpos intermédios. Neste sentido, cabe ao Estado zelar pela igualdade de oportunidades e pela satisfação das necessidades básicas, sempre no respeito pela identidade e autonomia daqueles, não se substituindo aos mesmos, nem deixando cada pessoa ou grupo entregue a si próprio, mas intervindo sempre dentro do quadro das relações solidárias.

Neste âmbito os Bispos portugueses mencionam que as instituições e grupos de ação social na Igreja são expressões de solidariedade social organizada onde se deverão refletir, permanentemente, a partilha e o compromisso social das comunidades cristãs. Admitem a possibilidade da celebração de acordos com o Estado e com outras entidades públicas e privadas, acautelando que tais acordos nunca poderão significar uma relação de dependência perante o Estado, nem a transferência, para ele, da solicitude da comunidade pelas pessoas,

¹⁵¹ Cf. M. VIDAL, *Para compreender a solidariedade*, Editorial Perpétuo Socorro, Vila Nova de Gaia, 2005, 92 e 138.

¹⁵² Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Instrução Pastoral “A ação social da Igreja”* (23 de Novembro de 1997), Secretariado-Geral do Episcopado, Lisboa, 1997, n.º 14.

sobretudo as mais pobres.¹⁵³ As relações entre a ação social da Igreja e o Estado terão sempre como princípio orientador a cooperação leal, a partir do respeito mútuo pela identidade e pela autonomia institucional de cada parte, e os princípios da co-responsabilidade e da solidariedade perante os problemas sociais. Defendem que o diálogo e o entendimento mútuos entre as instituições e o Estado, é a via mais adequada para a salvaguarda dos diferentes princípios a respeitar, e que não se deve descurar o direito e o dever de serem uma instância de consciência crítica da esfera política, económica, social, com a sabedoria e prudência próprias dos “filhos da luz”, inconciliáveis com qualquer atitude de servilismo, troca de favores ou presunção de infalibilidade¹⁵⁴.

Advertem ainda que “não se diga que a acção social da Igreja é subsidiária do papel do Estado, nem que o pagamento dos impostos exonera os cristãos de outras responsabilidades sociais”¹⁵⁵. Reforçam a ideia de que “a acção social da Igreja radica no seu projecto salvífico, centrado em cada pessoa e baseado na caridade transformadora, inseparável da justiça, da paz e do desenvolvimento solidário”¹⁵⁶.

O Papa Bento XVI expressa o amor como caminho principal e princípio fundamental da doutrina social da Igreja nas encíclicas *Deus caritas est* e *Caritas in veritate*. É o princípio determinante nas relações ao nível pessoal e também a um nível mais macro, em contextos sociais, económicos e políticos mais alargados¹⁵⁷. O amor será sempre necessário porque haverá sempre situações de sofrimento que carecem de ajuda que mostre o amor concreto ao próximo. Por mais justa e completa que seja a ordem estatal de uma sociedade, nunca será supérfluo o serviço do amor. O Estado pode assegurar toda a assistência material aos cidadãos, mas subsistirão lacunas na atenção pessoal e entranhável dos aflitos, dos

¹⁵³ Cf. *Ibidem*, n.º 16.

¹⁵⁴ Cf. *Ibidem*, n.º 30.

¹⁵⁵ *Ibidem*, n.º 16.

¹⁵⁶ *Ibidem*, n.º 27.

¹⁵⁷ Cf. W. KASPER, *La misericordia*, 185.

atormentados da alma. Neste entendimento, não faz falta um Estado que tudo regule e domine. Mas pretende-se um Estado que generosamente reconheça e apoie, em conformidade com o princípio da subsidiariedade, as iniciativas das forças sociais que promovem o auxílio aos necessitados. A Igreja é uma dessas forças, movida pelo Espírito Santo que suscita nos corações humanos o altruísmo, o amor desinteressado, a capacidade de entregar a vida em favor dos irmãos e a amplitude de cuidados que ultrapassa a concepção materialista do homem¹⁵⁸.

Na opinião do Cardeal Walter Kasper, por muito bem que funcione o sistema social, a misericórdia terá sempre o seu lugar imprescindível. São insubstituíveis as pessoas que colocam o coração no que fazem, que se deixam comover, que buscam diferentes soluções, que descobrem as novas situações de necessidade e pobreza num mundo que nunca está acabado. Chama a atenção para o perigo de se fazer da misericórdia um negócio ao mercantilizar-se a assistência social e sanitária. São áreas que atualmente estão altamente organizadas e cada vez mais se pautam por critérios estritamente económicos orientados para a obtenção de lucros. Um serviço assistencial nestes moldes pode oferecer toda a comodidade possível, mas pode também faltar o essencial que acalenta a fragilidade das pessoas assistidas, ou seja, cuidadores que escutem, que compreendam a profundidade dos sentimentos e se mostrem compassivos. A proximidade, a empatia, a misericórdia não se podem organizar nem regular de forma estatal pois é algo pessoal que se transmite na relação¹⁵⁹.

Com efeito, a caridade exige vigilância para que a dimensão institucional da mesma não desresponsabilize os indivíduos ou os pequenos grupos sociais, e para que as instituições caritativas não monopolizem a caridade, transformando-se em atividade empresarial em vez de suscitar e alimentar o sentido de responsabilidade pessoal da caridade e da justiça¹⁶⁰.

¹⁵⁸ Cf. BENTO XVI, *Carta Encíclica “Deus caritas est”* (25 de Dezembro de 2005), Paulinas, Prior Velho, n.º 28.

¹⁵⁹ Cf. W. KASPER, *La misericordia*, 190-192.

¹⁶⁰ Cf. L. MANICARDI, *A caridade dá que fazer*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2011, 36.

2. EXERCÍCIO DA MISERICÓRDIA: IMPERATIVO UNIVERSAL E ESPECIFICIDADE

CRISTÃ

“Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso” (Lc 6,36). Estas palavras de Jesus, mais do que uma ordem, revelam a possibilidade do homem participar da misericórdia de Deus, poder dar vida, manifestar ternura, perdoar, acolher as incapacidades, sofrer com quem sofre. Na Sagrada Escritura a misericórdia não é uma mera emoção, mas, ao nascer como ressonância aguda do sofrimento do outro, torna-se ética, práxis e virtude. No Samaritano da parábola está bem evidenciado este dinamismo, isto é, a misericórdia deve ser operante, concreta e visível, donde se depreende a importância da tradução prática do amor de Deus. “Não amemos com palavras nem com a língua, mas com acções e em verdade” (1Jo 3,18).

O conjunto das obras de misericórdia que conhecemos, assim como os gestos de caridade listados em S. Mateus 25,31-46, ou outras listas, não pretendem limitar nem esgotar os atos de caridade. A misericórdia encontra uma infinidade de expressões impossíveis de encerrar num catálogo¹⁶¹. Estas listagens são convites à criatividade e à inteligência dos crentes no mundo actual, para que a “caridade não seja apenas um gesto ‘bom’, mas também ‘profético’”¹⁶². Tendo em conta que na raiz das obras de caridade está presente o rosto do Deus misericordioso e a necessidade do homem, e que nascem da experiência do amor de Deus fazendo assim cumprir o mandamento do amor ao próximo, podemos concluir que a tradição das obras de misericórdia encontra hoje uma renovada atualidade ao fazer memória do essencial, ou seja: realiza o encontro de rostos e discernimento concreto das necessidades do corpo e da alma, é gesto e palavra, relação, escuta e atenção.

¹⁶¹ Cf. *Ibidem*, 61-66.

¹⁶² *Ibidem*, 66.

Facilmente se percebe que as obras de misericórdia ultrapassam os vários tipos de fé e de crença, pois em última instância remetem sempre para uma práxis de humanidade. É um convite ao homem, a qualquer homem, que tome a seu cargo quem é necessitado, que tome a sério o sofrimento do outro. Além disso, preconiza que o homem é homem se acredita na humanidade do outro, mesmo que esta esteja ferida ou diminuída, e se ousa fazer ao outro aquilo que gostaria que lhe fizessem a si¹⁶³. O monge Luciano Manicardi diz-nos que nos dias de hoje, trazer ao terreno a tradição das obras de misericórdia, significa “apreender a caridade como arte do encontro, como arte da relação, como arte de viver, mas significa sobretudo novo impulso de humanidade”¹⁶⁴. Somos enviados por Cristo Ressuscitado e encontramos no mundo com o Cristo crucificado nos rostos de tantos pobres e excluídos, de todos aqueles que sofrem¹⁶⁵.

Torna-se premente nos dias de hoje contribuir para que a justiça e a misericórdia deem passos na sociedade e na Igreja. Em qualquer lugar onde possamos fazê-lo, “devemos propiciar que nas situações de necessidade tanto corporal como espiritual, resplandeça um caloroso raio de misericórdia, acendendo assim a luz do amor, que é geradora de esperança”¹⁶⁶. A Igreja deve ter um olhar atento e sensível para ser capaz de identificar “necessitados” cujas situações não constam em catálogos preestabelecidos¹⁶⁷.

Na medida em que a caridade cristã manifesta como “Deus é amor” (1Jo 4,16) e encontra a sua personificação em Cristo, é histórica, e toma forma no hoje da história. A Igreja tem responsabilidade na narração da caridade, “é chamada a ser epifania da caridade de Deus nos dias de hoje”¹⁶⁸, pois o critério de autenticação da experiência da caridade é o carácter concreto, a visibilidade, o quotidiano do amor ao irmão, tal como nos diz a primeira

¹⁶³ Cf. *Ibidem*, 217-220.

¹⁶⁴ *Ibidem*, 220.

¹⁶⁵ J. ÁLVAREZ GÓMEZ, *Vida consagrada para o terceiro milénio*, 245.

¹⁶⁶ W. KASPER, *La misericordia*, 199.

¹⁶⁷ Cf. A. B. COSTA, “Quem são os pobres hoje?”, *Communio*, n.º 2, 2009, 143.

¹⁶⁸ L. MANICARDI, *A caridade dá que fazer*, 17.

carta de João (cf. 1Jo 4,20). Na opinião de Luciano Manicardi, a caridade tem um valor mais efetivo do que afetivo, um valor interpessoal, histórico, político e social. Assim no-lo revelou Jesus¹⁶⁹.

A parábola do bom Samaritano (cf. Lc 10,25-37) ilumina que aquele “que necessite de mim e eu possa ajudar, é o meu próximo”¹⁷⁰. Neste sentido, o conceito de próximo fica universalizado, extensivo a todos os seres humanos. Aparentemente genérico e abstrato, contudo é concreto e requer o empenho prático aqui e agora. O Papa Bento XVI recorda na encíclica *Deus caritas est* o Juízo final (cf. Mt 25,31-46), onde o amor se torna o critério para a decisão definitiva sobre o valor ou a inutilidade duma vida humana, e onde Jesus se identifica com os necessitados: famintos, sedentos, forasteiros, nus, enfermos, encarcerados, pois “cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25,40). Aqui está patente que o amor a Deus e o amor ao próximo se fundem num todo, ou seja, no mais pequenino encontramos o próprio Jesus e, em Jesus, encontramos Deus¹⁷¹.

O amor ao próximo, radicado no amor de Deus, é um imperativo para cada um dos cristãos e para a Igreja enquanto comunidade. Consequência disto, é que o amor também precisa de organização, enquanto pressuposto para um serviço comunitário ordenado. Desde os inícios da sua constituição que a Igreja teve consciência de tal dever¹⁷². A Igreja é chamada a ser manifestação dum amor que procura o bem integral do ser humano. Toda a sua atividade é orientada nesse sentido, quer seja através da evangelização por meio da Palavra e dos Sacramentos, quer seja através da sua promoção nos vários setores da vida e da atividade humana. Com efeito, o serviço que a Igreja exerce para acorrer aos sofrimentos e às necessidades das pessoas, mesmo materiais, é amor a concretizar-se¹⁷³. Bento XVI reforça a

¹⁶⁹ Cf. *Ibidem*, 17-18.

¹⁷⁰ BENTO XVI, *Deus caritas est*, n.º 15.

¹⁷¹ Cf. *Ibidem*, n.º 15.

¹⁷² Cf. *Ibidem*, n.º 20.

¹⁷³ Cf. *Ibidem*, n.º 19.

necessidade da presença eclesial na prática da caridade, dizendo que nunca disso poderá ser dispensada a Igreja enquanto atividade organizada dos crentes, e que sempre haverá situações onde é necessária a caridade de cada um dos cristãos, porque o ser humano, além da justiça, tem e terá sempre necessidade do amor¹⁷⁴. Na encíclica *Deus caritas est* fica o convite do Papa para todos os cristãos a viverem o amor, e com essa vivência fazerem entrar a luz de Deus no mundo, porque o amor é possível, e somos capazes de o praticar, porque somos criados à imagem de Deus¹⁷⁵.

“O programa do cristão – o programa do bom Samaritano, o programa de Jesus – é ‘um coração que vê’. Este coração vê onde há necessidade de amor, e age de acordo com isso.”¹⁷⁶.

Na compreensão bíblica da solidariedade, tem lugar uma adequada integração da tensão entre pessoa e estrutura, entre ideal e mediações históricas. Nesta mesma conceção, a solidariedade verifica-se no âmbito do povo, em que as pessoas se solidarizam através das instituições e estas têm função solidária na medida em que servem as pessoas¹⁷⁷. As instituições cristãs devem marcar a diferença sobretudo no acompanhamento nas situações de limite e fragilidade, e na defesa dos mais vulneráveis e indefesos. As suas propostas devem diferenciar-se pelo primado da ética e da humanização em todos os patamares da organização. O seu serviço deve despertar as consciências dos parceiros e instituições similares.

Ao longo da história universal, têm surgido muitas organizações que visam servir o homem nas suas variadas necessidades. Este facto explica-se fundamentalmente pelo imperativo do amor ao próximo ter sido inscrito pelo Criador na própria natureza do ser humano. Contudo, é premente que a atividade caritativa da Igreja mantenha todo o seu

¹⁷⁴ Cf. *Ibidem*, n.º 29.

¹⁷⁵ Cf. *Ibidem*, n.º 39.

¹⁷⁶ *Ibidem*, n.º 31.

¹⁷⁷ Cf. M. VIDAL, *Para compreender a solidariedade*, 56.

esplendor, não desvirtue a sua essência de modo a não se deixar dissolver na organização assistencial comum, tornando-se uma simples variante da mesma¹⁷⁸.

3. O CARISMA HOSPITALEIRO E OS DESAFIOS ATUAIS NO ÂMBITO DA SAÚDE

O modelo oferecido pela parábola do bom Samaritano, reflete a caridade cristã como uma resposta àquilo que, numa determinada situação, constitui a necessidade imediata. Deste modo, pode-se ler que, para o serviço que as pessoas realizam em favor dos doentes, se requer, antes de mais, a competência profissional¹⁷⁹, mas esta por si só não basta. “É que se trata de seres humanos, e estes precisam sempre de algo mais que um tratamento apenas tecnicamente correcto: precisam de humanidade, precisam de atenção do coração. Todos os que trabalham nas instituições caritativas da Igreja devem distinguir-se por isto: não se limitam a executar habilidosamente a ação conveniente naquele momento, mas dedicam-se ao outro com as atenções sugeridas pelo coração, de modo que ele sinta a sua riqueza de humanidade. Por isso, para tais agentes, além da preparação profissional, requer-se também, e sobretudo, a ‘formação do coração’”¹⁸⁰.

Mais que o saber técnico, a ação da Igreja e especificamente das Irmãs Hospitaleiras, terá sempre como ponto de partida e de chegada o coração compassivo de Jesus, o bom Samaritano. As terapias e as terapêuticas podem curar a doença e aliviar a dor, mas por si só não conseguem sanar e aliviar a pessoa no seu sofrimento mais profundo. Esta área está reservada à terapia do amor, da caridade, da misericórdia.

As pessoas consagradas cuja missão se concretiza no campo da saúde, terão como preocupação responder aos desafios de forma profissional oferecendo boas práticas, mas

¹⁷⁸ Cf. BENTO XVI, *Deus caritas est*, n.º 31.

¹⁷⁹ Cf. *Ibidem*, n.º 31.

¹⁸⁰ *Ibidem*, n.º 31.

sobretudo devem, de forma carismática e profética, oferecer à saúde, espiritualidade, Evangelho. Por opção vocacional, hão-de estar próximas dos mais desfavorecidos, mais pobres, mais esquecidos, dos que não têm ninguém que os deite à piscina quando se move a água (cf. Jo 5,1-9). A parábola do bom Samaritano não convida a escalar, mas convida a descer¹⁸¹, e o capítulo vinte e cinco de S. Mateus (31-46) abre-nos os olhos (fé) e o coração (caridade) para reconhecermos o Senhor naqueles que se encontram em situação de vulnerabilidade: no pobre, no fraco, no excluído¹⁸².

O Papa Francisco interpela a Igreja a ser como um “hospital de campanha depois de uma batalha” onde a prioridade é curar as feridas. É o apelo aos cristãos a não se deterem nos problemas laterais, mas a focarem a sua atenção e ação no âmago do sofrimento do homem de hoje, pois continua atual a afirmação do Concílio Vaticano II, “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração”¹⁸³.

Acompanhar o outro que sofre, nos seus sentimentos e esperanças, passa por fazer caminho com ele, indo ao seu ritmo interior. Implica dispor-se a entrar em terra sagrada “descalço”, isto é, livre de tendências a moralizar sobre o que o outro diz, sente, fez, liberto de responder com frase feitas e consolos superficiais. Este acompanhamento à pessoa exige que se carregue a experiência alheia, que se acolha em si mesmo o sofrimento do próximo¹⁸⁴.

¹⁸¹ Cf. J. C. R. GARCÍA PAREDES, “Identidad de la vida consagrada en misión socio-sanitaria: su ministerialidad carismática y profética”, in *Vida Religiosa, Monográfico*, vol. 114, 4, 2013, 61-62.

¹⁸² Cf. J. M. ALMEIDA, “O apelo da fé nos lugares de vulnerabilidade”, *Communio*, n.º 1, 2014, 67.

¹⁸³ CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo*, 1, Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, Braga, 1983, 9.^a edição melhorada.

¹⁸⁴ Cf. J. C. BERMEJO, “El acompañamiento de las situaciones de dolor y la vida religiosa” in *Vida Religiosa, Monográfico*, vol. 114, 4, 2013, 92-93.

No último Capítulo Geral das Irmãs Hospitaleiras, constatou-se que a realidade do sofrimento humano do nosso tempo, especialmente na sua dimensão psíquica, continua a ser um desafio. Como acontecia na época dos fundadores, a contemplação da dor e o exemplo de caridade de Cristo compassivo e misericordioso, solicita uma nova “imaginação da caridade”. A resposta da congregação a este desafio requer uma leitura carismática dos sinais dos tempos e lugares, e concomitantemente que os membros se deixem interpelar pelas novas situações de marginalização, especialmente por aquelas onde a vida humana se encontra ameaçada. Esta sensibilidade evangélica conduz a um maior compromisso institucional na defesa da dignidade humana e da justiça social.

O cuidado da vida e a centralidade da pessoa desafiam a caminhar na vanguarda no campo da saúde mental. Ao mesmo tempo, a dedicação e a especialização da instituição nesta área, enriquecem a Igreja e a sociedade no sentido de uma melhor compreensão das pessoas com limitações psíquicas que afetam áreas substanciais da sua vida como a consciência, a liberdade e a autonomia. O serviço de qualidade que se pretende prestar, tem como base imprescindível a hospitalidade como o encontro humano e pessoal, no qual a pessoa assistida, em todas as suas necessidades e dimensões, constitui o centro e a razão de ser da missão hospitaleira. A sua dignidade inalienável é reconhecida, a sua vida é defendida em todas as circunstâncias, bem como o seu papel de protagonista no processo terapêutico. Procura-se lutar contra o estigma e a exclusão social de que possam ser vítimas¹⁸⁵. O compromisso com a hospitalidade impele as Irmãs Hospitaleiras a serem “sentinelas e artífices de uma missão renovada, dinâmica e criativa, conjugando a promoção da qualidade humana e técnica com a excelência no atendimento, numa visão holística da pessoa, atuando com critérios éticos e integrando ciência e caridade”¹⁸⁶.

¹⁸⁵ Cf. CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS HOSPITALEIRAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, *Documento do XX Capítulo Geral*, 45.

¹⁸⁶ *Ibidem*, 46.

As Irmãs Hospitaleiras, pela própria vocação consagrada, são enviadas para o ministério de hospitalidade, numa Igreja samaritana que opta preferencialmente pelas pessoas doentes e excluídas. A missão é exercida em nome da comunidade e em sintonia com os fundadores, seguindo em frente, mesmo com ventos contrários, à procura de novos caminhos para percorrer. Consideram que o serviço hospitaleiro é o lugar privilegiado para descobrir o rosto de Jesus nas suas “imagens vivas”, e testemunhar a compaixão de Deus para com as pessoas que sofrem¹⁸⁷. As pessoas doentes e todos aqueles que as cuidam, testemunham na Igreja e na sociedade, que Deus está vivo e operante no meio dos filhos mais débeis e necessitados do seu povo. Com a missão, as Irmãs Hospitaleiras são “boa notícia da sanção de Deus para o homem de hoje” em qualquer lugar da terra¹⁸⁸.

A missão inicial reconhecida por Bento Menni, María Josefa e María Angustias, que conserva a sua vigência, aplica-se de modo diferente segundo as carências das diversas áreas do planeta. Porém, não mudou de modo nenhum o seu sentido básico: atender com capacidade autenticamente solidária e humana a pessoa que sofre, no âmbito dos valores cristãos transcendentais.

Aparentemente a doença mental está hoje atendida e reconhecida em muitos países. No entanto existem formas de marginalização modernizadas: orçamentos permanentemente insuficientes para a saúde mental, instalações facilmente esquecidas, contratos económicos na raia do impossível, desenvolvimento de planos que nascem, se reproduzem e morrem à espera, etc. Já não se trata de uma marginalização total como há cento e trinta anos, mas de outra relativa e mais subtil. O ser humano com doença mental grave continua a viver muitas situações sem resposta. Existem necessidades contínuas emanadas do sofrimento humano, perante as quais a sociedade tardará em responder e só tardiamente converterá em oferta preventiva e terapêutica. Este hiato só será colmatado por pessoas comprometidas com a pessoa humana numa entrega ousada e solidária.

¹⁸⁷ Cf. *Ibidem*, 23.

¹⁸⁸ Cf. IDEM, *Documento do XIX Capítulo Geral*, 78.

O doente incorpora integralmente dimensões da sua história e do seu meio além de condições físicas e psicológicas. A atenção ao ser humano, requer modelos multidisciplinares que incluem o individual e o social, o físico e o psíquico, o preventivo e o curativo. Acresce a estas características as inerentes à conceção humanista que respeitam as condições ético-morais e espirituais da pessoa. A Congregação das Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus tem dado testemunho de compromisso de atenção aos doentes, desenvolvendo um modelo de intervenção centrado na pessoa, um modelo institucional baseado no acolhimento e na entrega, um modelo de gestão baseado na solidariedade prática¹⁸⁹.

A organização que serve à sociedade, quer seja na educação, na saúde ou noutro setor, auferindo desses serviços resultados económico-financeiros para garantir a continuidade e a sobrevivência, está no mercado como uma empresa, mas não é uma empresa qualquer. Deve adotar uma postura diferente perante os mecanismos iníquos do mercado em coerência com os seus valores institucionais. A sua primeira finalidade não é o lucro, mas necessita de resultado positivo para assegurar a viabilidade. São necessários esforços para se conseguir uma empresa diferente de facto, na qual os valores humanos e espirituais transpareçam na sua estrutura interna, nos processos de gestão, na responsabilidade social e ambiental, no diferencial do serviço prestado e na relação com a sociedade civil.

A gestão empresarial é necessária às organizações sociais e religiosas que têm como atividade o serviço à população mais carenciada, pois, uma boa racionalização dos recursos, proverá mais bens, ou, parafraseando Bento Menni, uma boa administração duplica os meios de caridade para se fazer bem ao próximo. As estratégias negociais da gestão, embora façam parte das organizações do terceiro setor, não poderão monopolizar a dinâmica organizacional. A prioridade do carisma conciliada com os contributos da gestão profissional, abrem caminho para uma fidelidade criativa e testemunham que é possível administrar com outras

¹⁸⁹ Cf. IDEM, *Projecto hospitaleiro integral*, 56-58.

perspetivas, integrando valores humanos e eclesiais, visando uma sociedade justa, saudável e solidária¹⁹⁰.

O carisma hospitaleiro é um dom do Espírito à Igreja e para o mundo, através do qual se dá continuidade à missão sanadora de Jesus. Partindo das origens e ao longo da história, a congregação concretizou esta missão no projeto hospitaleiro, colocando-o ao serviço da evangelização, tendo sempre como centro a pessoa assistida, razão de ser da instituição e elemento unificador do projeto comum. Todos – religiosas e colaboradores – a partir da própria vocação, são chamados e enviados a viver a hospitalidade como um valor universal. A raiz humanista e cristã do projeto confere-lhe um carácter inclusivo. Para o seu desenvolvimento, é necessário impulsionar o sentido de pertença, promover os valores hospitaleiros e assegurar que todos realizem a missão com dedicação, qualidade profissional, criatividade e humanização. A integração dos trabalhadores dos centros assistenciais no projeto hospitaleiro, requer um processo de acolhimento, formação e acompanhamento, de modo a promover a máxima participação no mesmo. A missão partilhada vai para além de uma estrita cooperação no trabalho e exige assumir o mesmo projeto e o sentido de missão que ele encerra. Portanto, é imperativo promover um caminho de crescimento em identidade hospitaleira e um estilo de relações baseadas no respeito e na corresponsabilidade. Viver a hospitalidade de forma partilhada, obriga também a dar respostas criativas às necessidades da missão nos diferentes contextos sociais, segundo o estilo dos fundadores¹⁹¹.

“A nossa nascente instituição está chamada a crescer muito, pois a necessidade de acolher estas pessoas [doentes] é cada dia mais premente nesta sociedade”¹⁹². A constatação feita por María Angustias conserva, ainda hoje, uma perfeita validade e vigor profético. O

¹⁹⁰ Cf. A. MURAD, *Gestão e espiritualidade. Uma porta entreaberta*, Paulinas, São Paulo, 2007, 2.ª edição, 81-87.

¹⁹¹ Cf. CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS HOSPITALEIRAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, *Documento do XX Capítulo Geral*, 41.

¹⁹² M. A. GIMENEZ VERA, *Relação sobre as origens*, 268.

carisma hospitaleiro mantém toda a sua atualidade, pois as pessoas com doenças mentais continuam a ser as mais pobres e marginalizadas por uma sociedade que não reconhece os seus direitos, nem o seu papel como cidadãos. O mal estar psíquico não só continua a existir, como vai aumentando, alimentado pelas feridas causadas por um estilo de vida desumanizado e competitivo que afeta tanto aos jovens como aos idosos e, de forma especial, aos setores mais debilitados da população. Por isso, as Irmãs Hospitaleiras proclamam: “acreditamos que o Espírito Santo continua a impulsionar a congregação, e que a Igreja nos entrega o mundo da saúde como missão específica. [...] Estamos convencidas de que a caridade hospitaleira não pode desaparecer, [...] continuaremos dedicando-nos aos doentes enquanto for necessário; o carisma está dentro, dentro de um coração grande e generoso, o coração de Deus”¹⁹³.

¹⁹³ CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS HOSPITALEIRAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, *Documento do XVIII Capítulo Geral*, 56.

CONCLUSÃO

Durante a realização deste trabalho constatámos que muito ficou por explorar, e que este pequeno contributo resume-se a um *link* para encontrarmos, em futuras pesquisas, as verdadeiras maravilhas que Deus operou e que quer continuar a operar através de nós.

Terminado este momento, podemos concluir que os desafios emergem e que o desejo de resposta não esmoreceu por parte da Igreja. A sociedade civil mostra muitas vezes alguma hostilidade perante as instituições eclesiais, e julgam, por desconhecimento, de forma errada a sua ação e comportamento. Também aqui o cristão tem a sua responsabilidade, pois é chamado à coerência de vida e a testemunhar as verdades do Evangelho. Na senda do Mestre, em qualquer proposta que se elabore deve transparecer misericórdia, proximidade, justiça, verdade, gratuidade, preferência pelos mais pobres, dinamismo do Espírito. É necessária uma resposta diferenciadora que chegue ao coração das pessoas, que as levante dos subterrâneos da vida e que lhes aponte novos horizontes de esperança.

O mundo de hoje subsiste carente e sedento da misericórdia que brota do coração de Cristo. A messe é grande, e a criatividade para responder aos apelos reais deve ser aplicada no seu mais alto nível. A inteligência humana tem revelado grandes capacidades, a ciência e a técnica evoluem a uma velocidade imparável. A Humanidade tem beneficiado muito deste

facto, nomeadamente no campo da saúde; no entanto, verificamos que é insuficiente para a cura integral do homem.

O ambiente mais reabilitador e integrador é aquele que está imbuído de amor, do amor que Jesus nos anuncia e comunica. Sem esta dimensão o ser humano fica reduzido à condição de máquina bem engendrada, cuja avaria ou desajuste é resolvido por um profissional bem qualificado. Mas a cura que a Igreja quer oferecer, é à medida do amor sem limites de Jesus, o médico por excelência. A sua medicina é alargada a todas as dimensões do homem. A cura física é deveras importante, mas a libertação interior, a paz adquirida em Cristo pelo perdão, a consciência livre, a alegria de se sentir amado e aceite, são realidades sobejamente superiores.

Nesta linha de ação encontramos muitos cristãos que, individualmente ou em grupo, se comprometem a transmitir esta faceta de Jesus. As Irmãs Hospitaleiras têm o seu lugar na história salvífica de hoje. Partilham o dia com aqueles irmãos que lutam pela sua dignidade nas franjas da sociedade. Têm a oportunidade de acolher Jesus desfigurado presente nos irmãos que servem. Na missão que assumem como sendo a missão de Jesus, podem ser o rosto samaritano que o pobre não vê, podem levar a saúde que o doente não tem, podem reabilitar aquele que se perdeu na vida.

À semelhança dos primórdios da Congregação das Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus, os destinatários da missão não escasseiam e as dificuldades também não. Coabitamos com novas formas de obstáculos e contrariedades que exigem uma postura conciliadora, de abertura ao diferente, de encontro com as novas formas de pobreza. A relação com as entidades parceiras deve ser cuidada com atitudes de humildade por um lado, com o profissionalismo que temos por outro, marcando a diferença dos serviços prestados pela convicção confessional que nos caracteriza.

Neste ano em que celebramos o centenário da morte do fundador Bento Menni, as Irmãs Hospitaleiras reforçam que não querem, de modo algum, aniquilar o espírito fundacional. Pretendem ser genuínas no encaço de Jesus e dos fundadores, querem continuar

a provar, no mundo do sofrimento psíquico, que Deus é Amor. Nas situações de maior inospitalidade, testemunham que a dor é superável em Cristo quando unida à Sua Paixão.

Estamos perante um carisma sem fronteiras, com uma vitalidade evidente, que não se esgota dentro dos muros hospitalares, mas que empurra para as periferias. Em qualquer lugar do mundo há irmãos a necessitar da Boa Nova de Jesus samaritano, em qualquer momento da história há espaço para a salvação de Deus.

Sabemos que não podemos colmatar todas as lacunas que experimentamos, que as nossas limitações não permitem atos heróicos, mas uma certeza nos acompanha: pobres sempre os teremos mas a caridade nunca acabará e no final seremos julgados pela bitola do amor infinito de Deus.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, J. M., “O apelo da fé nos lugares de vulnerabilidade”, *Communio*, n.º 1, 2014, 63-69.
- ÁLVAREZ GÓMEZ, J., *Vida consagrada para o terceiro milénio. Da renovação à refundação*, Paulus, Apelação, 2000.
- ALVES, M. I, “Igreja ministérios e carismas”, *Communio*, n.º 3, 1990, 234-243.
- BALLESTEROS MOLERO, J., “La Misión como servicio de la caridad”, in J. CARVAJAL (dir.), *La Misión de la Iglesia*, Monte Carmelo, Burgos, 2011, 107-134.
- BENTO XVI, *Carta Encíclica "Deus caritas est"* (25 de Dezembro de 2005), Paulinas, Prior Velho.
- BENTO XVI, *Os doze apóstolos e os primeiros discípulos de Jesus nas origens da Igreja*, Paulus Editora, Lisboa, 2008, 2.ª edição.
- BERMEJO, J. C., “El acompañamiento de las situaciones de dolor y la vida religiosa” in *Vida Religiosa, Monográfico*, vol. 114, 4, 2013, 87-102.
- BLANK, J., *Jesús de Nazaret. Historia y mensaje*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1973.
- CÁRCEL ORTÍ, V., *Historia de la Congregación de Hermanas Hospitalarias del Sagrado Corazón de Jesús*, Volumen I, Ciudad del Vaticano, 1988.
- CARDOSO, A. P., “O amor de caridade como princípio de vida moral”, in *A questão ética e fé cristã II*, Editora Verbo, Lisboa, 1989, 217-244.
- CLEMENTE ROMANO, *Carta aos Coríntios*. Usamos a edição de LAMELAS, I., Alcalá, Lisboa, 2001.
- COLLIÈRE, M. F., *Promover a vida. Da prática das mulheres de virtude aos cuidados de enfermagem*, Sindicato do Enfermeiros Portugueses, Lisboa, 1989.
- CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo*, “Gaudium et Spes”, Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, Braga, 1983, 9.ª edição melhorada.
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Instrução Pastoral “A acção social da Igreja”* (23 de Novembro de 1997), Secretariado-Geral do Episcopado, Lisboa, 1997.

- CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS HOSPITALEIRAS DO SAG. CORAÇÃO DE JESUS, *Projecto hospitaleiro integral*, Idanha, 1994.
- , *Documento do XVIII Capítulo Geral*, Roma, 2000.
- , *Documento do XIX Capítulo Geral*, Roma, 2006.
- , *Documento do XX Capítulo Geral*, Roma, 2012.
- CONSELHO PONTIFÍCIO “JUSTIÇA E PAZ”, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Principia, S. João do Estoril, 2005, 1.^a edição.
- COSTA, A. B., “Quem são os pobres hoje?”, *Communio*, n.º 2, 2009, 135-144.
- Didaché*. Usamos a edição de LAMELAS, I., Alcalá, UCP, Lisboa, 2004.
- EDERLE, R. A., *Discípulos y apóstoles de Jesús. La relación entre los discípulos y los Doce según Marcos*, Editrice Pontificia Università Gregoriana, Roma, 2008.
- EUSÉBIO DE CESARÉIA, *Historia eclesiástica*, BAC, Madrid, 1973.
- FABRIS, R., *Jesús de Nazaret. Historia e interpretación*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1985.
- FLUSSER, D., *Jesús en sus palabras y en su tiempo*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1975.
- GARCÍA PAREDES, J. C. R., “Identidad de la vida consagrada en misión socio-sanitaria: su ministerialidad carismática y profética”, in *Vida Religiosa, Monográfico*, vol. 114, 4, 2013, 43-72.
- GARNICA, E., “Hospitalidade”, in A. APARÍCIO (Dir.), *Dicionário teológico da Vida Consagrada*, Paulus, S. Paulo, 1994, 524-540.
- GEORGE, A., “El milagro en la obra de Lucas”, in X. LÉON-DUFOUR (dir.), *Los milagros de Jesús según el nuevo testamento*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1979, 240-258.
- GIMÉNEZ VERA, M. A., *Relação sobre as origens da Congregação das Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus*, Idanha, 1998.
- GONZALEZ DE CARDEDAL, O., *Raiz de la esperanza*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1995.
- GRELOT, P., *Libertação humana e salvação em Jesus Cristo (1.^a parte)*, in *Cadernos Bíblicos n.º 5*, Difusora Bíblica, Lisboa, 1980.
- GUILARTE, M. C. “La misión de la Iglesia. Reflexión introductoria”, in J. CARVAJAL (dir.), *La Misión de la Iglesia*, Monte Carmelo, Burgos, 2011, 15-28.
- JAUBERT, A., *Libertação humana e salvação em Jesus Cristo (2.^a parte)*, in *Cadernos Bíblicos n.º 10*, Difusora Bíblica, Lisboa, 1982.
- JEDIN, H. (Dir), *Manual de historia de la iglesia*, Tomo I, Editorial Herder, Barcelona, 1966.
- KASPER, W., *La misericordia. Clave del Evangelio y de la vida cristiana*, Sal Terrae, Santander, 2013, 3^a edición.

LAMARCHE, P., “Los milagros de Jesús según Marcos”, in X. LÉON-DUFOUR (dir.), *Los milagros de Jesús según el nuevo testamento*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1979, 207-219.

LÉGASSE, S., “Los milagros de Jesús según Mateo”, in X. LÉON-DUFOUR (dir.), *Los milagros de Jesús según el nuevo testamento*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1979, 220-239.

LEGIDO, M., *Misericordia entrañable. Historia de la salvación anunciada a los pobres*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1987, 2.^a edición.

LÉON-DUFOUR, X., “Los milagros de Jesús según Juan”, in X. LÉON-DUFOUR (dir.), *Los milagros de Jesús según el nuevo testamento*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1979, 259-274.

LÉON-DUFOUR, X., “Conclusion”, in X. LÉON-DUFOUR (dir.), *Los milagros de Jesús según el nuevo testamento*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1979, 337-353.

MANICARDI, L., *A caridade dá que fazer*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2011.

MARTÍNEZ FRESNEDA, F., *Jesús de Nazaret*, Editorial Espigas, Murcia, 2005.

MARTO, A. A., “Reino de Deus e libertação ou progresso social”, in *A salvação em Jesus Cristo*, Editora Rei dos Livros, Lisboa, 1993, 205-216.

MATIAS, J. C., “Moral cristã e confissão de fé”, in *A questão ética e fé cristã II*, Editora Verbo, Lisboa, 1989, 123-148.

MEIER, J. P., *Un juicio marginal. Nueva visión del Jesús histórico*, Tomo II/1, Editorial Verbo Divino, Estella (Navarra), 2000, segunda edición.

MEIER, J. P., *Un juicio marginal. Nueva visión del Jesús histórico*, Tomo II/2, Editorial Verbo Divino, Estella (Navarra), 2000.

MENNI, B., *Cartas às Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus*, Idanha, 2001.

MURAD, A., *Gestão e espiritualidade. Uma porta entreaberta*, Paulinas, São Paulo, 2007, 2.^a edição.

NEVES, J. C. das, “Ética e bem-aventuranças”, in *A questão ética e fé cristã II*, Editora Verbo, Lisboa, 1989, 85-108.

ORDEN, E., “Ministério da Saúde”, in A. APARÍCIO (Dir.), *Dicionário teológico da Vida Consagrada*, Paulus, S. Paulo, 1994, 672-677.

PINHO, B. de, *O reino já está entre nós*, Paulus, Lisboa, 2012.

PUIG, A., *Jesus. Uma biografia*, Paulus Editora, Apelação, 2006.

ROMERO, A., “Carisma”, in A. APARÍCIO (Dir.), *Dicionário teológico da Vida Consagrada*, Paulus, S. Paulo, 1994, 89-99.

SEGUNDO, J. L., *La historia perdida y recuperada de Jesús de Nazaret. De los Sinópticos a Pablo*, Editorial Sal Terrae, Santander, 1991.

TRIGO, J. S., “Especificidade e novidade da moral evangélica”, in *A questão ética e fé cristã I*, Editora Verbo, Lisboa, 1988, 185-218.

VIDAL, M., *Para comprender a solidariedade*, Editorial Perpétuo Socorro, Vila Nova de Gaia, 2005.

VIDAL, S., *Jesús el galileo*, Editorial Sal Terrae, Santander, 2006.